



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRENNA LÍGIA DA ROCHA MOURA

PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO PEDAGÓGICO E EMOCIONAL
DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS EM PROCESSO
DE LUTO

PICOS – PI
2022

BRENNNA LÍGIA DA ROCHA MOURA

PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO PEDAGÓGICO E EMOCIONAL DESENVOLVIDAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS EM PROCESSO DE LUTO

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do
Piauí, como requisito para obtenção do grau
de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Jeriane da Silva
Rabelo

PICOS – PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929p Moura, Brenna Lígia da Rocha
Práticas de acolhimento pedagógico e emocional desenvolvidas na educação infantil com crianças em processo de luto [recurso eletrônico] / Brenna Lígia da Rocha Moura – 2022.
78f.

1 Arquivo em PDF
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em Pedagogia, Picos, 2022.
“Orientadora: Dra. Jeriane da Silva Rabelo ”

1. Educação infantil. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Luto. 4. Pandemia – COVID-19 . I. Rabelo, Jeriane da Silva. II. Título.

CDD 372



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos cinco (05) dias do mês de outubro de 2022, às 09hrs, na plataforma do Google meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **BRENNA LÍGIA DA ROCHA MOURA** sob o título “**PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO PEDAGÓGICO E EMOCIONAL DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS EM PROCESSO DE LUTO.**”.

Banca constituída pelos Docentes:

Prof. ^a . Dr. ^a . Jeriane da Silva Rabelo Universidade Federal do Piauí	Orientadora
Prof. ^a . Dr. ^a . Wirla Risany Lima Carvalho Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Examinadora
Prof. ^a . Dr. ^a . Cristiana Barra Teixeira Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Examinadora
Prof. Dr. Nilton Ferreira Bittencourt Junior Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Examinador

Deliberou pela **aprovação** da candidata, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de **10**.

Picos (PI) 05 de outubro de 2022

Orientadora: *Jeriane da Silva Rabelo*
Examinadora: *Wirla Risany Lima Carvalho*
Examinadora: *Cristiana Barra Teixeira*
Examinador: *Nilton Ferreira Bittencourt Junior*

Eu enalteço e reverencio os meus pais, em especial, à minha mãe, Maria Leonice da Rocha, de onde eu vim, e quem me fez ser quem sou, e a toda a minha linhagem. Também dedico este trabalho a todos aqueles que se fizeram em mim uma morada que transcende os laços da vida, deixando suas marcas para que este momento tão especial acontecesse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que através da fé me sustentou até aqui, sem ela eu nada seria, depois a mim mesma por ter tido a coragem de expor neste trabalho todos os meus anseios e conflitos internos sobre a experiência com a temática morte.

Deixo também registrado todo o meu apreço e admiração pela minha orientadora, Jeriane da Silva Rabelo por confiar na minha história, oferecendo todo o auxílio que precisei, também por toda a paciência e a excelência na orientação. Sou imensamente grata a você por fazer a diferença na minha formação como pedagoga.

À minha mãe Leonice, o meu primeiro e maior amor da minha vida, uma das principais razões na minha conquista de chegar até aqui. Obrigada por me apoiar durante toda a minha vida, inclusive na acadêmica, fazendo de tudo para que eu alcance os meus sonhos, ainda que os mais difíceis, eu sou muito grata por você me ajudar a vencer mais uma etapa. Eu te amo mãe, essa vitória é nossa!

Agradeço ao meu pai Djalma, que com sua humildade, incentivo financeiro e amor incondicional me apoiou em todas as minhas decisões, te amo muito pai, obrigada por tanto carinho.

À minha vó Francisca, por ser a base que sempre sustentou a nossa casa, e que com grande esforço nos ensina através do exemplo a sermos melhores diariamente, este o maior patrimônio que nos é dado, também às minhas tias Cida e Nega por vibrarem com cada conquista minha se fazendo presentes em cada uma delas.

À Minha irmã Brunna, com quem tive o privilégio de dividir o mesmo ventre por toda uma gestação, e depois por compartilhar toda uma vida comigo. Ao meu cunhado Jhony pela ajuda sempre alegre nos momentos de aflição, e ao meu sobrinho Eduardo Leví por ser a representação de esperança para a nossa família, a certeza de uma nova geração que se inicia para dar continuidade ao nosso legado, na expectativa de alcançar um futuro brilhante.

Ao meu namorado Daniel Uchôa por compartilhar comigo essa trajetória que o permitiu entender as minhas necessidades em falar sobre esse tema, e a minha urgência particular em explorar a travessia da perda como forma de resiliência e superação. Obrigada pelo companheirismo, confiança, cuidado, atenção e por me amar mesmo sabendo que sou uma pessoa difícil.

Aos meus professores e colegas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, campus Senador Helvídio Nunes de Barros, pelos ensinamentos que contribuíram significativamente para a minha evolução pessoal e profissional, em especial as minhas companheiras: Andressa Iara, Maria Sousa, Ranny Gabrielly, e a Clara Oliveira, que mesmo mudando de curso no decorrer do tempo sempre permaneceu conectada a nós, também a minha colega de turma Geiza de Lima por me auxiliar, oferecendo assistência quando necessitei durante todo o curso, bem como no desenvolvimento deste trabalho.

Aos demais familiares e amigos que me encorajaram, compreenderam a minha ausência em meio a tantas adversidades, mas ainda assim, estiveram me transmitindo boas energias, agradeço-lhes pelo carinho e amizade verdadeira.

E por fim, aqueles que partiram, mas antes me proporcionaram momentos incríveis que pude reviver durante a escrita desta monografia, na constância de que eles ocuparão espaço permanente nas minhas memórias e no meu coração, sempre cheios de saudade.

Obrigada a todos por ser a essência da minha história e por acreditarem em mim!

“Há quem acredite no esquecimento como um lugar de paz... Prefiro as fotografias espalhadas pela casa, as histórias fazendo morada na memória, o amor habitando o coração. Faço parte dos que amam na ausência, manuseio as delicadezas de manter vivo quem não merece morrer...” (Teresa Gouvea, 2021).

RESUMO

A travessia do luto e o acolhimento às crianças enlutadas, na maioria das vezes, não são temáticas abordadas nas instituições de Educação Infantil, tampouco nos cursos de formação de professores. O presente estudo busca relatar os desafios encontrados Educação Infantil em decorrência do luto, em decorrência, especialmente, da Pandemia da Covid-19. Especificadamente, este estudo buscou analisar as práticas educacionais e de acolhimento que promovam o desenvolvimento integral da criança na vivência do luto no contexto escolar de uma instituição municipal de Picos - PI. Foi fundamentado nos documentos oficiais para a Educação Infantil Brasil (1988; 1996; 2021), nos estudos sobre o luto na infância, através de Fujisaka (2009), Sartori (2018), Lustosa; *et al* (2009), Martins (2015). A pesquisa de natureza qualitativa, foi realizada em uma instituição pública municipal de Educação infantil de Picos - Piauí, onde estavam inseridas crianças que vivenciam a fase do luto. Utilizou-se como instrumento de pesquisa o diário de campo e a entrevista semiestruturada, na qual foi aplicada com uma professora de uma turma do Infantil IV e a coordenadora da Educação Infantil. Conclui-se que a Pandemia prejudicou a qualidade das atividades escolares na etapa da educação infantil, no tempo em que, essa instituição também não se organizou visando acolher as crianças que perderam seus entes queridos. Essas crianças foram diretamente afetadas e tiveram dificuldades quanto a adaptação, assim como apresentaram dificuldades na socialização e interação com outras crianças e adultos, prejudicando o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Educação Infantil. Luto. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

The crossing of mourning and the welcome of bereaved children, in most cases, are not topics addressed in Institutions of preschool education, or neither in training course to teachers. The present study seacher to report the demand for mourning of in Education as a result of COVID 19. Specifically, that Study seacher tÔ analyze educational practices that promote the integral development of children in the experience of bereaved in the School contest of municipal Picos' Institutions. It was grounded on official documents to BrasÍl Preschool Education (1988; 1996; 2021), through Fujisaka (2009), Sartori (2018), Lustosa; et al (2009), Martins (2015). onstudies about mourning in the childhood. The search of qualitative nature was carried out in na municipal institution of Preschool Education in Picos– PI, where were included children in fase that have gone through the mourning phase. The diary was used as a research instrument and the semi-structured interview applied by teacher of Preschool IV class and the coordinator of Preschool. It was finished that the Pandemic impaired the quality of school activities in the Preschool education stage, in the time when, this institution also did not organize itself to welcome children that lost their loved ones. These children were directly and had difficulties in adapting as well as they presented difficulties in socialization and interaction with other children and adults, harming their development.

Keywords: Child Development. Child education. Mourning. Covid-19 pandemic

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

COVID-19 – SARS-CoV-2

DCNEI – Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil

EI – Educação Infantil

ERE – Ensino Remoto e Emergencial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OMS – Organização Mundial da Saúde

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência das crianças objeto de estudo na escola	56
---	-----------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Picos.....	23
Figura 2 - Armário disponível na sala de atividades	45
Figura 3 - Brinquedos e materiais disponíveis na brinquedoteca	45
Figura 4 - Cantinho das atividades produzidas e cantinho da matemática	46
Figura 5 - Alfabeto.....	47
Figura 6 - Banheiro interno e acoplado à sala do Infantil IV.....	47
Figura 7 - Jogo confeccionado pela professora para ensinar sequência numérica.....	57
Figura 8 - Livros lidos pela professora em sala.....	58
Figura 9 - Produção artística de dia das mães.....	60
Figura 10 - Desenho da Letícia referente ao dia das mães.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Lista de filmes relacionados à aprendizagem do luto na infância	33
Tabela 2 - Significado de espaço, ambiente, lugar e território	41
Tabela 3 - Quantidade de espaços existentes na Educação Infantil	42
Tabela 4 - Quantidade de profissionais da escola.....	43
Tabela 5 - Rotina das crianças da turma do infantil IV	50
Tabela 6 - Cronograma da festa de Páscoa	59

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: PRECISAMOS FALAR SOBRE O LUTO.....	15
1 INTRODUÇÃO	18
2 PERCURSO METODOLÓGICO	22
3 OS DESAFIOS DO ENSINO E APRENDIZAGEM FRENTE AO LUTO DE CRIANÇAS NA ESCOLA	27
4 ANÁLISE DOS DADOS	39
4.1 A pesquisa empírica.....	39
4.2 Os espaços da instituição escolar.....	41
4.3 Os ambientes da escola.....	49
4.4 As crianças que perderam pessoas próximas	51
4.5 Análise das respostas das profissionais de educação sobre o luto	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	77
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS.....	78

APRESENTAÇÃO: PRECISAMOS FALAR SOBRE O LUTO

"A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas."

(Biografia do Orvalho – Manoel de Barros).

Manoel de Barros em sua obra escreve acerca da infância e a interação da criança com a natureza. No poema anterior ele fala sobre a subjetividade e a singularidade humana em suas múltiplas dimensões e linguagens. Essas variáveis exigem a necessidade de se experimentar novos olhares sobre a vida, muito além do habitual, a fim de compreender os indivíduos de outros modos, de modo especial as crianças.

Neste trabalho, proponho perceber e refletir **com** e **sobre** as crianças no âmbito coletivo, em uma instituição escolar pública municipal de Picos – PI, com um desejo pessoal de ouvir – sentir e pensar sobre a fase do luto na infância, tendo em vista que sentir a ausência de um ente querido que já morreu é também natural, mas nesse entremeio deve acontecer com uma adaptação necessária à ausência, reconfigurando a vida a partir dessa experiência.

No âmbito da infância, perder algo ou alguém é doloroso, seja uma pessoa, um animal de estimação, ou até mesmo objetos que tenham um significado especial para a criança. No entanto, algumas vezes dispomos a acreditar que quando essa perda acontece de maneira repentina, pode ser recebida de maneira mais traumática, mas em outros casos quando antecede de um padecimento duradouro em direção a um processo lento de partida é "aceita mais facilmente". Por exemplo, em casos de enfermidade onde podemos acompanhar todas as etapas, a pessoa doente começa

a ficar mais fraca, abatida e cada vez mais dependente de outras pessoas, e em casos mais graves, perde gradativamente as funções motoras do corpo. Mas, por que acompanhar todo esse processo de dor, em sua maioria, nos faz compreender com uma melhor adaptação?

Quando testemunhamos esse processo lento e angustiante percebemos o sofrimento de quem amamos, mesmo com a esperança de uma eventual melhora. Paralelamente, temos tempo para uma despedida vagarosa, e quando ela se vai definitivamente essa ausência é justificada argumentando que a partida a tirou de um sofrimento.

Quando essa partida acontece repentinamente não existe um planejamento, ou um protocolo a ser seguido por quem se depara com a morte de alguém, e esse choque de realidade nos faz pensar que ela poderia ter sido evitada. Isso porque temos a idealização de que a morte repentina, e conseqüentemente não traçada previamente é sinal de que a pessoa não queria ir, ou ainda não estava propensa a ausentar-se fisicamente, e com esse pensamento de que poderíamos impedir tal feito vem a culpa e a sensação de impotência.

Em muitos casos, a proximidade com a morte reúne as pessoas através da religião, isso porque não aceitamos a não permanência dos nossos entes queridos, ainda que eles existam apenas em um plano espiritual que a maioria das pessoas acredita haver em algum outro lugar, certezas essas que costumam variar de acordo com a crença de cada um e acaba confortando os familiares e amigos.

Fazendo alusão a um relato pessoal vivenciado na prática, o primeiro ano de luto tende a ser o mais delicado, e ainda que não precise de um alerta profissional de terapeutas, psicólogos ou psiquiatras deve ser percebido com mais atenção. Nos primeiros dias é preciso estar presente, no caso das crianças, as famílias abaladas com o luto não dão tanta atenção à criança como antes, já que estão tentando lidar com a própria dor, e elas ficam sem apoio e acabam silenciando suas angústias. É o primeiro ano sem aquela pessoa especial em suas vidas, os primeiros dias de casa vazia, as reuniões familiares incompletas, as primeiras datas e festas comemorativas sem a companhia de quem se foi, mas ainda assim permanece nas lembranças.

A relação com os pertences traz uma sensação de presença, e em razão disso, há a possibilidade de resistência em não se desfazer dos objetos pessoais como meio de conservar essa relação. Em outros casos, existe o desespero em se desfazer dos bens materiais como meio de negar essa vivência trágica. Apenas com o passar do

tempo é que a maioria consegue voltar à rotina e aprende a falar sobre a dor, sobre as histórias, e a conviver com os seus próprios mortos do jeito que foi possível seguir.

As pessoas que passam por nós marcam as nossas vidas, e definem nossos próximos passos mesmo que indiretamente. Logo, não é saudável pular etapas como meio de fugir do fato, é preciso vivenciar cada uma delas para saber dar continuidade, e não se aprisionar a temores sucessivos no que tange a morte.

A separação proporciona sentimentos e sensações que a criança ainda não sabe como administrar, e ensinar sobre a morte revela saberes da sua própria vida, e apesar de a escola dispor de um amplo currículo escolar, ela não deve se prender apenas aos conteúdos pré-estabelecidos nos documentos oficiais para educação infantil, e carece trabalhar temáticas sobre a vida humana que preparem as pessoas para lidar com situações ruins.

As perdas modificam o jeito de cada um seguir a vida, por isso a necessidade de um olhar sensível por parte da pedagogia escolar, o luto se mal vivenciado na infância pode impulsionar o surgimento de traumas na infância ou na vida adulta.

Diante disso, em minha experiência de vida, em alguns casos foi possível viver essa passagem de maneira leve, e adaptar-me ao luto com um aspecto compreensivo. No entanto, houve momentos em que sentir a dor da perda gerou em mim um profundo sofrimento, fui abalada tão intensamente que esta produziu em mim uma bagagem emocional difícil de carregar, principalmente pela falta de acolhimento da escolar, familiar, e de pessoas próximas.

Pensando nisso, decidi debruçar-me sobre essa temática cautelosamente, na esperança de que este trabalho consiga oferecer um pequeno aconchego às pessoas que assim como eu, por vezes se sentiram desconectados, sozinhos, e confusos diante da morte. Em especial, as crianças enlutadas da Educação Infantil, no anseio de que ao longo da vida, as suas primeiras experiências sejam entendidas no seu processo de luto, podendo ressignificar gradativamente essa experiência desagradável e manter boas relações.

1 INTRODUÇÃO

“Com todas as misturas que a saudade traz, amor e dor, dor e amor, eu escolho que você fique, eu escolho continuar te amando para sempre.”

(Teresa Gouvea, 2021).

Escrever um trabalho acadêmico sobre a temática luto na infância pode ser algo difícil, isso porque é comum em nossa cultura ocidental esquivar-se de assuntos com abordagens melancólicas, como a ausência de pessoas queridas, e o sofrimento que essa passagem traz.

Nessa perspectiva, o interesse em desenvolver esta pesquisa se rege tanto no fascínio em falar sobre um assunto excêntrico, ou seja, incomum tido como um tabu social, além da demanda exacerbada na atualidade dissipada pelo vírus SARS-CoV-2. Em um âmbito mais profundo, ressalta as minhas diferentes vivências com o luto ao longo da vida, e como lidei com esses transcurtos.

De maneira especial, quando presenciamos tal situação tendemos a direcionar o sentimento de tristeza e dor apenas aos adultos, ignorando as emoções e sentimentos das crianças. Muitas vezes, podemos supor que elas não podem, ou até mesmo não compartilham dos mesmos sentimentos que os adultos, unicamente por serem crianças.

Os estudos do historiador francês Philippe Ariès corroboram para essa ideia, pois ressalta a visão da vida adultocêntrica. Para o autor, trata-se de um modelo que vê as crianças como pequenos adultos, elas são sujeitadas a abdicar da infância, interrompidas de brincar, para serem preparadas pela sociedade capitalista para o mercado de trabalho que aguarda pelas futuras responsabilidades que essas crianças irão assumir na sociedade. (ARIÉS, 1981).

Contudo, diariamente e em diferentes lugares do mundo, adultos e crianças se deparam com situações de perda, e, conseqüentemente, passam pelo processo de luto. Nos últimos dois anos, com o advento da pandemia da Covid-19 ocasionou um alarmante número de mortes provocadas pelo vírus SARS-CoV-2. As relações

entre escola e crianças também se distanciaram, e por alguns meses todas as instituições de ensino, sejam elas privadas ou públicas, tiveram suas atividades suspensas, só retornaram quando ajustaram às medidas sanitárias pelas Secretarias Municipais de Educação (SME), em concordância das normas da Organização Mundial da Saúde - OMS. Os espaços escolares foram prejudicados pelo isolamento social, uma estratégia emergente necessária para conter a propagação do vírus em larga escala. Nos últimos meses, as secretarias de educação estão dialogando sobre a possibilidade da modalidade híbrida e/ou presencial em alguns espaços, inclusive na Educação Infantil. (BRASIL, 2022).

A partir disso, o contato de ambos foi limitado apenas ao envio de tarefas que o(a)s professore(a)s precisavam desenvolver, cabia às crianças apenas executá-las, muitas vezes, desprezando o devido acolhimento a elas. Nessa perspectiva podemos inferir que:

Os profissionais devem ter um olhar atento e sensível a esses sujeitos, buscando compreender o que eles comunicam com o corpo, com as expressões faciais, com o choro e balbucios, sobretudo, durante a readaptação que será necessária no momento do retorno. (CRUZ; MARTINS; CRUZ, 2021, p.166).

No âmbito escolar, o sofrimento e as emoções desagradáveis são comuns na passagem do luto, entretanto, algumas vezes, tornam-se sinônimos de constrangimento, exposição e vergonha para a criança, tendo em vista que somos socialmente moldados a pensar nesses comportamentos como algo discreto, que não é plausível de ser externalizado. Porém, o processo de luto acompanhado de sentimentos tristes, se persistidos sem o amparo necessário podem ocasionar em uma possível vulnerabilidade para o desenvolvimento de distúrbios psicológicos, podendo surgir posteriormente na vida adulta. (OLIVEIRA, s.d, apud BROMBERG 2000).

Ao discutir esses aspectos sobre o luto na Educação Infantil precisamos entender que este, por se tratar de uma experiência particular onde cada criança é afetada de maneira individual e subjetiva, não se pode estabelecer um padrão de sentimentos, ações e/ou questionamentos a serem reproduzidos após a morte de alguém. Por esse motivo, a escola precisa voltar sua atenção para questões que envolvem perdas e lutos, como meio de acolher esse público infantil para vivenciar

tais possíveis eventualidades, uma forma de reconhecer e cuidar das emoções das crianças.

As influências ambientais afetam diretamente na formação da personalidade, especialmente as experimentadas por crianças no ambiente escolar. (LUSTOSA; et al, 2009).

Para Silveira et al, (s.d), p.176) “O luto apresenta seus “sintomas” não apenas na dimensão psicológica, mas em todos os aspectos da vida do sujeito, afetando-o, inclusive, fisicamente”. À vista disso, diversos estudos destacam que o luto, pode provocar uma dor profunda que fragiliza os indivíduos afetados por ele. Por esse motivo, pode ser analisado a partir de fatores – biológicos, sociais ou psicológicos. (RAMOS, 2016).

Desse modo, a presente pesquisa tem como intuito investigar Como acontecem as práticas de acolhimento pedagógico e emocional desenvolvidas na Educação Infantil com crianças em processo de luto? designando como objeto de interesse deste estudo, profissionais da Educação Infantil - EI que possuam inseridas em suas turmas, crianças que tenham sofrido perdas de morte, ou rompimentos de ligação significativa ainda durante a infância, no período pandêmico.

Essa temática é válida por se tratar de uma experiência peculiar para a sociedade, especialmente para o público da Educação Infantil, em que todos em algum momento da vida, irão presenciar de maneira direta ou indireta situações características do luto na infância.

É relevante mostrar esses desafios por meio da experiência da criança na escola, uma vez que amplia os conhecimentos sobre o papel da escola mediante essa realidade, podendo identificar considerações importantes presentes no cotidiano escolar e desenvolvimento infantil, como também possibilitar à instituição utilizar-se de adaptações, mudanças ou metodologias específicas, visando um acolhimento que permita atender as necessidades da criança, fazendo com que ela vivencie essa fase da vida se adaptando a essa nova realidade de maneira saudável.

É possível a execução dessa pesquisa, tendo em vista o atual cenário pandêmico do país, facilitando o acesso a essas informações como uma das esferas para a realização da pesquisa, buscando ampliar os conhecimentos sobre os desafios da perda na infância, e suas contribuições para o desenvolvimento infantil, nesse momento de distanciamento social, em que a relação entre criança, perdas, e a escola está ainda mais em evidência por se apresentar como um vínculo distante.

O presente trabalho é favorável por discorrer sobre as experiências das crianças enlutadas na instituição escolar, entre elas, quando a instituição recebe o retorno dessas crianças à escola. Torna-se pertinente a efetivação da pesquisa por se tratar de uma possível contribuição com foco indispensável na pedagogia da infância, viabilizando a abordagem do corpo docente, da gestão escolar, e da relação destes com a convivência e atuação nas atividades cotidianas das crianças.

Este estudo tem como **objetivo geral**: Compreender as práticas de acolhimento pedagógico e emocional desenvolvidas na Educação Infantil com crianças em processo de luto. Buscando responder a problemática em questão são propostos os seguintes **objetivos específicos**:

- 1) Identificar as possíveis dificuldades de uma instituição de Educação Infantil no suporte e acolhimento à criança enlutada;
- 2) Identificar ações promotoras de acolhimento e empatia as crianças em decorrência da perda e suas consequências no ambiente escolar;
- 3) Analisar os espaços e ambientes no retorno às atividades presenciais,

Trata-se de uma pesquisa qualitativa sendo desenvolvida a partir de duas vertentes: *i*) a pesquisa bibliográfica sobre a temática luto e educação infantil e *ii*) a pesquisa de campo em uma instituição de Educação Infantil no município de Picos-PI, tendo como base a observação do cotidiano das crianças, e a entrevista semiestruturada com as profissionais da instituição, com a pretensão de verificar os elementos sobre a pedagogia escolar na EI e a sua relação com o luto na escola.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa, espera-se mostrar a organização escolar de educação infantil, e o seu papel frente à assistência e a educação de crianças enlutadas. Apresentar como a instituição de Educação Infantil se planeja para lidar com o luto na escola, bem como, revelar como as emoções negativas afetam o aprendizado, e podem ocasionar o desenvolvimento de possíveis transtornos e/ou patologias, apontar dificuldades de nível cognitivo como, por exemplo, de concentração ou fixação como bloqueio para o bom desenvolvimento das atividades escolares e, por fim, enfatizar a adaptação ao luto e a necessidade de um possível realinhamento pessoal, juntamente com a busca de novos interesses e habilidades.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

“[...] Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós [...]”

(Sobre importâncias - Manoel de Barros)

Tal como a citação anterior, o significado das experiências particulares é relativo, por isso, carece de uma demanda específica a cada pessoa. Do mesmo modo, os indivíduos que são acometidos pela ausência de pessoas próximas, muitas vezes, aspiram um consolo quando se deparam com recordações nostálgicas, apesar de se encontrarem relativamente desassistidos em suas angústias.

Ao percorrer sobre a experiência do luto na Educação Infantil, salientando suas consequências para o desenvolvimento integral das crianças no seguimento da aprendizagem escolar, se faz necessário investigar aspectos sobre a rotina escolar das instituições de Educação Infantil. Para saber se as crianças inseridas nesse cenário dispõem de um espaço educacional que promova ações de acolhimento em casos de luto. Se são encorajadas, como também compreendidas pelo corpo docente e demais profissionais de educação. Visa ainda, perceber possíveis dificuldades da escola em promover ações de acolhimento e empatia a essas crianças na rede pública de ensino do município de Picos, especialmente, no período pandêmico da COVID-19.

2.1 Lócus e participantes da pesquisa

A coleta dos dados ocorreu diretamente no espaço investigado, nesse caso, o ambiente escolhido foi uma escola da rede municipal de Picos-Pi, em virtude da viabilidade de acesso ao espaço, como também a possibilidade de manter um diálogo de modo direto com as participantes da pesquisa.

Picos é uma cidade localizada no semiárido piauiense, conhecida popularmente como a capital do mel, por ter esse alimento como umas das principais atividades econômicas, com área da unidade territorial de 577,284 km². Nela estima-se haver aproximadamente 78.627 habitantes, de acordo com informações coletadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Em relação ao estado do Piauí, Picos fica localizado na **região centro-sul**, conforme apresento a imagem a seguir:

Figura 1 - Picos



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Picos>

Já a escola pesquisada está localizada em uma comunidade periférica da cidade de Picos, com baixa qualidade socioeconômica e educativa, segundo informações coletadas pela comunidade escolar, atendendo a população do bairro e arredores. Possui salas de atividades, parque de brinquedos, refeitório, brinquedoteca, coordenação pedagógica, e demais espaços.

Assim, para efetivar a coleta de dados dessa pesquisa foi definida a entrevista semiestruturada com uma professora da turma de pré-escola I e a coordenadora da escola, ambas da Educação infantil.

Sabendo que o objetivo do diálogo é fazer com que o colaborador da pesquisa expresse suas experiências, conceitos, ou opiniões sobre a temática estudada,

Assim, é importante que o pesquisador ponha ao lado seus conceitos, teorias, explicações pré-existentes, não significando que partirá de um marco zero ou um vazio, pois já pode ter ideias e vivências prévias com relação ao que está estudando.” (FUJISAKA, 2009, p.69).

Os sujeitos da pesquisa foram identificados, respectivamente, como Ana e Fátima, elas residem nas proximidades do bairro em que a escola se localiza. A primeira tem 29 anos de idade, é licenciada em Letras Português, tem experiência docente em turmas de Ensino Médio, tem apenas 3 anos de magistério, seu vínculo com as turmas de Educação Infantil se deu mediante a contratação temporária, sem a necessidade de prestar concurso.

Já Fátima tem 58 anos de idade, formada em Biologia, com especialização em Gestão Escolar e Gestão Ambiental, possui experiência nos diversos setores da escola, passando por coordenação, direção, supervisão e foi professora também em outras escolas, exerce suas atividades pedagógicas há 25 anos, por esse motivo tem familiaridade com a comunidade a qual presta serviço, sua contratação se deu a mediante concurso público.

2.2 Natureza e tipos de pesquisa

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, na forma de um estudo de caso em uma instituição de educação infantil de Picos – PI. Foi feito ainda a análise bibliográfica dessa pesquisa, que consiste nas principais fontes de trabalhos literários sobre o luto na Educação Infantil.

Um estudo de caso possibilita a coleta de informações aprofundadas sobre o objeto de estudo exigindo transparência do pesquisador. “A postura do pesquisador ao buscar respostas para fenômenos sociais que, em última instância devem satisfazer às necessidades sociais, deve ir ao encontro da criticidade e da cientificidade teórica e empírica” (ORSOLINI; OLIVEIRA, s.d).

Realizou-se uma análise bibliográfica buscando revisar trabalhos já existentes nessa linha de pesquisa com o objetivo de encontrar obras já publicadas por pesquisadores relevantes na área estudada, com o intuito de conhecer e analisar a temática, a problemática, e as demais informações que possam ser identificadas e que melhor se adequem na pesquisa a ser realizada.

Com isso, o pesquisador busca apropriar-se no estudo da teoria selecionada e estudada previamente para ter domínio sobre a pesquisa, e assim organizar sistematicamente os conhecimentos adquiridos com a revisão literária na procura de novas informações que o ajude a se fundamentar na temática abordada. (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES; 2021). Esses autores afirmam que:

Assim podemos afirmar que ela consiste em um conjunto de informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações, livros publicados; em os textos e as informações são fontes para a base teórica da pesquisa e na investigação dos estudos dos textos que possam colaborar no desenvolvimento da pesquisa. (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p.66).

A partir do material bibliográfico foi possível revisar trabalhos já desenvolvidos por outros autores que discutem sobre o desenvolvimento infantil e o luto na escola, tencionando compreender e analisar os dados encontrados como meio de confirmar as hipóteses pré-definidas.

2.3 Procedimentos e instrumentos para coleta de dados

Através do estudo de campo foram realizadas observações, buscando descrever a realidade dos espaços e ambientes da pesquisa. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: (artigos, documentos, livros, cartilhas, monografias), diário de campo (caderno), celular para gravação da entrevista e registro fotográfico, roteiro para a entrevista semiestruturada.

No diário de campo, foram registradas informações sobre a estrutura e organização da escola, conversas e manifestações afetivas entre as crianças e professora na sala de atividades, bem como os demais espaços da instituição, os eventos, ações, projetos, atividades, e outras estratégias utilizadas pela escola que visem abordar a temática do luto no ambiente escolar. Além de pensamentos, e ideias do pesquisador a partir dos registros feitos sobre os fatos relatados pela participante da pesquisa.

Em síntese, “[...] o estudo procurou evidenciar a importância em se acolher a criança enlutada na escola, colaborando com reflexões práticas e pertinentes sobre o que ela, a escola, poderia fazer.” (SARTORI; 2018, p.15).

A entrevista semiestruturada foi escolhida como instrumento de pesquisa, por viabilizar um recurso de coleta de dados que permita a abordagem de assuntos de

caráter pessoal e de tamanha complexidade, considerando também os desafios emergentes da atualidade. Assim, “a entrevista semi-estruturada traz em suas características o planejamento de um roteiro, para auxiliar o pesquisador a conduzir a entrevista.” (RABELO, 2017, p. 101). As questões elaboradas não necessariamente devem seguir uma sequência pré-estabelecida, mas o auxílio de um roteiro ajuda o pesquisador durante o diálogo, permitindo um conhecimento informal aprofundado sobre a temática em questão.

2.4 Análise dos dados

Após extrair as informações necessárias, foi feita a descrição das vivências relatadas pelas professoras, na tentativa de alcançar elementos pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa sobre o luto na escola.

As entrevistas tiveram o tempo de 06 minutos e 09 segundos com a professora Ana. Como também, 07 minutos e 40 segundos com a coordenadora Fátima. A primeira aconteceu na sala de atividades, após a ida das crianças para casa. A outra, na sala da coordenação depois do recreio, conforme solicitou a entrevistada. Depois disso, os elementos específicos e relevantes elaborados a partir das entrevistas foram selecionados revisados, e, posteriormente, foi feita uma análise com base na bibliografia estudada com o propósito de estabelecer uma relação entre elas, no ato de indicar comparações e realçar as semelhanças.

3 OS DESAFIOS NA APRENDIZAGEM FRENTE AO LUTO DE CRIANÇAS NA ESCOLA

“Que a vida é mesmo
Coisa muito frágil
Uma bobagem, uma irrelevância
Diante da eternidade
Do amor de quem se ama [...]”

(Nando Reis, 2015)

Nesta seção apresentamos o referencial teórico que serve como fundamentação literária organizada em três subseções, a citar: a primeira subseção que conceitua o luto infantil, a partir de diferentes perspectivas pedagógicas; na segunda subseção dialogamos acerca do papel da escola frente a criança enlutada por meio de respaldo de autores conceituados, no que concerne às contribuições no processo do desenvolvimento integral da criança, na terceira subseção tratamos sobre a pandemia e os seus impactos na aprendizagem escolar, visando debater às adversidades do ensino remoto, bem como a readaptação segura para as atividades presenciais.

3.1 Conceitualização de luto infantil

A Educação Infantil, no Brasil, dividida em Creche (0 aos 3 anos de idade) e Pré-escola (4 e 5 anos) visa o pleno desenvolvimento da criança, nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 1996) a obrigatoriedade de uma educação infantil na pré-escola se dá a partir dos quatro anos de idade, antes disso ela pode ser matriculada na creche.

Essa primeira etapa da educação básica pretende estimular áreas distintas do desenvolvimento infantil, com o intuito de ampliar e impulsionar o surgimento de novas habilidades e competências, por esse motivo, muitas das atividades desenvolvidas estão relacionadas com o lúdico, o que torna as brincadeiras e interações norteadoras

da rotina escolar, conforme cita as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009).

Um outro documento mais recente que rege o currículo dessa etapa é a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) com a definição dos direitos da aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil: Conviver, Brincar, Explorar, Participar, Expressar e Conhecer-se. E como campos de experiência: O eu, o outro e o nós; Corpo, gesto e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Sendo assim, uma educação que a princípio não se dispunha de uma estrutura e organização escolar básica no período regular, tornou-se quase que inacessível no período de pandemia da Covid-19, uma vez que esta não assegurava à infância e os recursos mínimos para uma educação integral de qualidade, segundo alguns documentos que constituem a educação infantil como, por exemplo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular BNCC - (BRASIL, 2018).

O ingresso na Educação infantil é um acontecimento significativo na vida da criança, essa é uma fase de adaptação que ela começa a experimentar vivências para além exclusivamente do vínculo familiar. A criança migra para um espaço desconhecido até o momento e começa a ter as suas primeiras experiências escolares, que inclui estabelecer novas relações e obter novos conhecimentos. Tal afirmação é também compreendida por Lustosa (2009):

A escola juntamente com a família é responsável pela formação da personalidade da criança, pela apropriação e o uso de técnicas necessárias à sua vida em sociedade, além de construir veículos e práticas sociais necessárias à sua formação cidadã. (LUSTOSA; et al, p.209)

Ainda sobre as atribuições da escola e a sua relevância no desenvolvimento integral da criança, Lustosa (2009) cita a perspectiva de Wallon, sendo:

Para Wallon, a escola tem o papel de proporcionar, intencionalmente, condições que favoreçam o desenvolvimento da criança, oferecendo-lhe uma variedade de oportunidades para que ela possa exercitar as funções que amadurecem a cada estágio. (LUSTOSA; et al, p.216)

Nesse sentido, o luto é um processo natural da vida, um período de readaptação após a quebra de uma relação afetiva. Trata-se de uma etapa individual no modo como o enfrentamos, e no tempo que ele pode durar, **ele pode se apresentar através um momento de recolhimento e isolamento** em que o enlutado sente-se vazio e na busca por sentido, ao tempo em que vive um sofrimento interno. Ele pode afetar o indivíduo em todas as suas dimensões sejam: físicas, emocionais, sociais ou intelectuais. Ao tempo em que sente uma oscilação de sentimentos enquanto passa pelas fases do luto, assim sendo, uma mesma pessoa pode sentir um misto de sentimentos que variam entre alegria, tristeza, saudade, pena ou solidão (ALMEIDA, 2021).

O luto apresenta vários sintomas em comum com a depressão, incluindo a tristeza, insônia, falta de apetite, perda de peso, o desinteresse pelas questões sociais, apatia, sentimentos de desespero, de desamparo, exaustão física e psicológica e, em casos mais acentuados, a ideação suicida. (MARQUES, 2015, p.2).

Na visão de Marques, as emoções sentidas no processo de luto têm semelhanças com as emoções de depressão, porém elas são distintas, o luto é um processo de tristeza que tende a ser superado de tal modo que o indivíduo consiga se adaptar a esse fato, enquanto a depressão é um estado de permanência de desinteresse pela vida e tudo ao seu redor. (MARQUES, 2015).

No cenário de pandemia, as mortes se tornaram rotineiras, e impactaram intensamente milhares de pessoas no instante em que as vítimas de Covid-19 pararam de ser identificadas como pessoas que possuíam nomes, e passaram a ser consideradas apenas como mais um número.

Essas mortes em massa acompanhadas da ausência dos rituais de despedidas, reuniões familiares, velórios e sepultamento respectivamente, estes que se configuram como uma etapa de transição muito importante no momento do luto como espaços de despedidas, intensificou ainda mais a sensação de abandono sentida por muitas pessoas que perderam seus entes queridos.

Por zelar pelo desenvolvimento da criança, o ambiente escolar no surto do vírus foi um dos primeiros espaços a serem questionados sobre o retorno de suas atividades, na pretensão de que as crianças da Educação Infantil pudessem ser estimuladas adequadamente no que diz respeito a educação escolar, e no esforço de minimizar os estragos causados pela pandemia no avanço dessas crianças. Uma vez

que, muitos dos vínculos rompidos nesse momento atingiram de maneira geral planejamentos, pessoas, relacionamentos, eventos, e outros, ou seja, a humanidade enfrentou um luto coletivo. “As crianças expostas, são afetadas de diversas formas e, o problema não é a morte em si, mas, o que se segue após, ou seja, o luto” (OLIVEIRA, s.d, p.3.).

Afirmar que as crianças não vivem ou não compreendem o luto da mesma maneira é equivocada, pois supor isso significa considerar que elas não devem ser cuidadas nesse aspecto. A criança sente a separação das pessoas que ela convive, ela, muitas vezes, lida com essa falta de uma maneira diferente dos adultos. Logo, a compreensão do processo de luto muda conforme o desenvolvimento da criança e o acolhimento recebido. Ela percebe a morte, mas por não se expressar fluentemente como os adultos através da linguagem escrita ou verbal, externaliza essas emoções através do corpo com comportamentos adversos.

3.2 O papel da escola na educação de crianças enlutadas

Na escola, essas reações podem se apresentar através do baixo rendimento nas atividades escolares, falta de foco, concentração, indisciplina, e dificuldades de aprendizagem. Alguns lutos são superados sem intervenção externa, mas é necessária uma maior atenção se as reações citadas persistirem por um tempo considerável, ou ainda se a criança tem resistência em se expressar, apresentar sinais de automutilação, ou não aceitar a nova realidade.

Os professores de estudantes enlutados devem saber que eles poderão apresentar uma dificuldade de se mostrar no contato interpessoal, conflitos e medo de rejeição. Poderão demonstrar controle da fantasia, minuciosidade, preocupação com detalhes, necessidade de chamar a atenção e de ser visto, de ser notado. Poderão demonstrar também um sentimento de forte pressão ambiental, pela realização na escola, desejo de realizar e de ter sucesso, controle rigoroso sobre a vida impulsiva, inadequação das defesas do ego, conflitos profundos, dificuldade para relaxar, repressão dos estímulos anteriores. Assim como, poderão revelar imaturidade e dependência, e o desejo de obter aprovação e aceitação social. (OLIVEIRA, s.d, p.6).

Crianças pequenas não veem a morte como sinônimo para o fim da existência física de alguém. Conforme a idade avança e a maturidade acontece, ela entende essa fase da vida como finita e mais presente da sua realidade, saindo de um estágio cognitivo imaginário para uma percepção individual dessa realidade. Essa transição

que a criança faz do mundo imaginário para o concreto geralmente acontece entre os 5-6 anos. (ALMEIDA, 2021).

Ao trabalhar aspectos sobre a morte na instituição escolar precisamos compreender que os adultos, ou seja, os profissionais de educação também são diretamente afetados por ela. Eles sofrem uma pressão social, pois além de muitas escolas não se disponibilizarem de outros profissionais tais como: psicólogos e assistentes sociais para atender as demandas da educação infantil, cabe a eles acolher esse luto, além de lidar individualmente com as próprias emoções, incluindo o medo do Covid-19 em tempos de Pandemia.

Os adultos resistem em falar sobre a morte com as crianças em virtude de um medo pessoal de encarar a sua existência. Contudo, resistir em evitar tais assuntos pode ocasionar em um impacto severo na saúde mental delas, levando em consideração que esse público tem acesso constante às mídias sociais como: redes sociais, internet, televisão e outros.

A escola, além de estabelecer um trabalho em conjunto com as famílias das crianças enlutadas, deve também tratar dessas temáticas com adultos e crianças, de maneira que cuidar dos adultos possa resultar em uma ajuda com os profissionais da escola, bem como para o acompanhamento com as crianças.

Sendo a escola o espaço social mais diverso e frequentado pela criança, considerando que cada estudante tem uma vivência particular, toda equipe pedagógica deve se dedicar em ajudar o estudante a ultrapassar essa fase, além de oferecer circunstâncias materiais concretas para que isso de fato aconteça. (OLIVEIRA,s.d,p.4).

Os rituais de despedida são um espaço de acolhimento, eles se fazem importantes nesse momento de recolhimento e atuam como um lugar de transição. Os cerimoniais servem para que as pessoas possam se despedir dos seus entes queridos, e recebam conforto de familiares, vizinhos, amigos, e pessoas próximas. Nesse ponto,

As tradições e cerimônias variam de acordo com as crenças, a família e a cultura do enlutado. Mas geralmente carregam o mesmo significado: a despedida é uma declaração de afeto a quem se foi. Isso pode ser através da escrita de uma carta, da ida ao cemitério, cantando músicas ou revisitando histórias, por exemplo. (OLIVEIRA; et al, 2020, p.13).

A despedida neste momento se faz importante, ela representa uma última conexão física com aquela pessoa que se foi, e ao mesmo tempo, um afastamento e a falta de quem se ama. Junto com ela se vai não somente a presença, mas é o desaparecimento de muitas perdas que juntas compõem uma totalidade em comum.

Não é sentida ausência apenas da presença física, mas do cheiro, o som da voz, as brincadeiras, programas de lazer, palavra ditas, confraternizações vividas, e muitas outras memórias que tiveram uma significância para quem participou, e que continua existindo em quem fica. Essas são práticas que permanecerão na rotina, mas que terão um novo significado ao longo do tempo, e que provavelmente despertarão um misto de sentimentos em diferentes pessoas como dor, tristeza, saudade, gratidão, alegria, e outras, além da homenagem para os mortos.

A falta desses espaços como redes de apoio principalmente durante a pandemia traz para o espaço escolar ainda mais desafios. Estes, além de lugares para recordar e homenagear os mortos permite a reorganização pessoal, por esse motivo, sua inexistência exige uma abrangência do atendimento escolar como meio de responder uma urgência de rearranjo espacial, e a constante busca de um eventual suporte emocional.

Ao prestar um trabalho de acolhimento, a escola precisa se mostrar como espaço de confiança onde as crianças possam se expressar, pois muitas delas têm resistência em conversar justamente por compreender que a escola não é o lugar para esses diálogos.

É preciso ter sensibilidade para escutar e permitir que a criança fale espontaneamente quando tiver vontade, mesmo que durante as atividades em sala ou tarefas afins. Ela tem curiosidades, e o docente precisa proporcionar um ambiente acessível para dúvidas, mesmo que sem resposta ou preparo inicialmente, oferecendo apoio também ao permitir que ela possa dividir suas memórias afetivas com os demais. (ALMEIDA, 2021).

O que é proposto aqui não é um tratamento psicológico feito pelos professores e coordenação pedagógica, ou que seja seguido um roteiro sobre o que fazer ou dizer em determinadas situações, e sim um cuidado para com as crianças enlutadas, onde toda a equipe pedagógica se coloque à disposição, entendendo a situação da criança respeitosamente.

A confiança quando conquistada precisa ser mantida, por esse motivo não é apropriado expor o que a criança não quer, de modo igual, algumas outras ações

devem ser evitadas como: ignorar ou rotular a dor do outro, criar situações imaginárias para explicar a morte, isso pode confundir sobre o real sentido da morte, evitar falar sobre a morte, ou interromper a criança.

Além da abertura para diálogos como meio de trabalhar assuntos relacionados à aprendizagem do luto podem ser desenvolvidos projetos que visem trazer esse tema para a sala de atividades através de palestras, eventos, oficinas, projetos de formação que incluam toda a comunidade escolar (crianças, pais e professores), clubes de literatura, ou ainda a exibição de filmes infantis, conforme podemos ver na tabela 01:

Tabela 1- Lista de filmes relacionados à aprendizagem do luto na infância

Filme	Descrição	Tempo/direção
Viva a vida é uma festa	A animação narra a história de Miguel, um menino de 12 anos com o sonho de ser um músico famoso, e que por esse motivo tem a desaprovação familiar. Em contrapartida, o personagem percorre a trajetória da morte retratando traços da cultura mexicana sobre a celebração do dia dos mortos e como os laços familiares se conectam mesmo após a vida.	1h45 min. Adrian Molina e Lee Unkrich.
O Rei leão	O filme aborda temáticas como o ciclo da vida e linhagem familiar. Ele conta a história de Simba um leãozinho que perde o pai Mufasa, vítima de uma emboscada planejada pelo próprio tio, com o intuito de ocupar o seu lugar como rei. Depois disso, Simba decide fugir como meio de se livrar da “culpa” e negar o luto, retornando na fase adulta para enfrentar o tio e ocupar seu lugar como rei.	1h29 min. Rob Minkoff e Roger Allers.
UP Altas aventuras	No filme conta a história de Carl, um senhor de 78 anos de idade, vendedor de balões que está prestes a perder a casa que sempre viveu com a esposa Ellie. Depois da morte de sua companheira, solitário e com medo de perder a casa com as lembranças da esposa, ele enche a casa com balões a fazendo sobrevoar o céu para realizar o sonho da falecida esposa de conhecer o Paraíso das Cachoeiras.	1h35 min. Peter Docter e Bob Peterson.
Divertidamente	Riley é uma menina que precisa lidar com as emoções de Alegria, Medo, Nojo, Raiva e Tristeza após se mudar com a família para uma nova cidade, e ter o seu cotidiano modificado.	1h35 min. Peter Docter.
Bambi	Bambi é um príncipe veado que vive na floresta e tem a mãe morta após serem perseguidos por um caçador. Essa é uma história de superação, pois em meio a perda ele aprende a conviver com ela e a	1h08 min. Bill Roberts, David Kerrick Hand, Graham

	sobreviver na natureza se permitindo viver experiências novas.	Heid James Algar, Norman Wright, Paul Satterfield Samuel Armstrong.
Lilo e Stitch	Essa animação evidencia a importância da família contando a história de Lilo, uma garotinha de 5 anos que perde os pais, e por esse motivo é criada pela irmã Nani. Um dia ela encontra um alienígena Stitch que acredita ser um cachorro e decide adotá-lo. Com o passar do tempo, ambos passam a compartilhar de um grande afeto um pelo outro.	1h25 min. Dean DeBlois e Chris Sanders.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As animações apresentadas, além de despertar o interesse e a curiosidade da criança, geram reflexão e debate sobre a temática do luto. As professoras podem propor projetos pedagógicos com foco no gerenciamento das emoções. Portanto, ao conversar com as crianças sobre os filmes possibilitará uma escuta ativa para estimular o diálogo e a expressão dos sentimentos e emoções em relação a essa experiência desagradável.

3.3 A pandemia e os seus impactos na aprendizagem escolar

No atual período de pandemia da Covid – 19, percebemos que as escolas assim como outras instituições e organizações sociais, seguem na busca por uma reorganização com o intuito de reestabelecer uma sistematização das suas atividades.

O isolamento social em que todos foram submetidos em virtude de uma doença pouco conhecida até então desorganizou a rotina das pessoas, gerando um desequilíbrio emocional em virtude das condições instáveis a que foram sujeitos: o risco de contágio, a falta de vacinação, a disseminação do vírus em massa, hospitais superlotados, notícias desarmônicas constantes, além do número de infectados e mortos aumentando em proporções desmedidas.

Essa readaptação de rotina evidenciou a carência emocional e de socialização como uma realidade das crianças, advertindo a seriedade de se priorizar um cuidado com a saúde mental, e de se trabalhar a mente com pensamentos positivos de uma possível instabilidade, para não ficar preso a pensamentos negativos recorrentes que podem gerar estresse, ansiedade, desconforto, medo, etc.

O fechamento das escolas e a mudança no tipo de ensino gerou uma crise educacional grave, especialmente para as crianças que estão na etapa da Educação Infantil. Mesmo que os órgãos públicos visem amenizar os danos na aprendizagem causados pela pandemia, as crianças terão uma experiência escolar insuficiente, de acordo com a legislação da área já apresentada anteriormente. Cabe ressaltar que conforme o art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, Art.29).

No Ensino Remoto e Emergencial (ERE), ainda que as redes sociais, aplicativos e outras plataformas virtuais tentem realizar uma aproximação, a experiência não é a mesma. A constante alteração de arranjo das atividades alternando entre presenciais e/ou remotas, sem estabelecer uma agenda específica e permanente dificultam o bom andamento da rotina escolar, principalmente nas escolas públicas para a etapa da Educação Infantil.

Promover um ensino em casa teoricamente pode parecer confortável e otimista no que diz respeito a organização do espaço e tempo. No entanto, tem sido difícil para a maioria das pessoas que frequentavam a escola, crianças, jovens ou adultos estabelecerem uma rotina de estudos e outras obrigações. (ZUCATO *et al.* 2020).

A aprendizagem nesse contexto se encontra claramente comprometida, pois ainda que seja possível estabelecer um planejamento de atividades, existem outras questões a serem pontuadas, e que podem prejudicar o desenvolvimento das crianças, durante as atividades remotas. Há a necessidade de uma rede de internet que permita o acesso satisfatório às plataformas virtuais, além da falta de acompanhamento familiar, especialmente para as crianças pequenas, ausência de atividades práticas, e a falta de um espaço adequado em casa para estudar. (ZUCATO *et al.* 2020).

Na organização do espaço escolar para o retorno presencial, existem alguns cuidados a serem seguidos, como: a utilização do álcool em gel, máscara, higienização constante das mãos, manter o distanciamento dentro e fora de sala, a escola deve medir a temperatura de todos, além de realizar a limpeza e desinfecção

constante dos ambientes conforme recomendados pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2022). Assim, as crianças e demais pessoas são impedidas de interagir como de costume, e algumas brincadeiras e atividades são evitadas ou reformuladas para evitar aglomeração e limitar o contato físico entre ambos.

A vivência em um contexto pandêmico é incerta, e condiciona a vida a um estado limitado e mais vulnerável, em que as crianças precisam conviver com uma realidade escolar distinta do comum até então, e que sofre constante mudança. Além de outras experiências externas que impactam diretamente o seu desenvolvimento e experiência na escola, entre elas, mortes por Covid-19 em larga escala.

Isto posto, Senhoras (2020) e Michel, Schmit e Blankenheim (2021) destacam algumas lesões ocasionadas pela pandemia, a mudança dos hábitos sociais, a saúde mental das crianças e dos professores, e os apontamentos sobre o luto coletivo na atualidade, por exemplo, as percepções negativas sobre o ensino atual, as limitações e desmotivações para estudar, favorecendo a possibilidade de uma evasão escolar em massa, além de uma resistente recusa em falar sobre esses falecimentos, e a desumanização social frente a tal situação. Com essa difusão, houve também uma naturalização de conduta em acompanhar o processo de morte em hospitais por equipes médicas, uma ação que resgata a morte asséptica, que já acontecia na segunda metade do século XIX. (SARTORI, 2018).

Sabendo que somos afetados pelo mundo interno e externo, Lustosa cita Wallon ao dizer que a escola, por se apresentar como um ambiente onde a criança irá estabelecer novas relações, pode promover novas possibilidades para as experiências negativas que as crianças podem vir a ter, entre elas no meio familiar. (LUSTOSA; et al, 2009).

Partindo do princípio de que a perda é um momento sensível na vida do ser humano, entre elas nas crianças, (FONTES, et al, 2020) aborda como o luto no momento da pandemia tornou-se mais difícil de ser vivenciado em virtude das inúmeras restrições e medidas de segurança, além de trazer muitos obstáculos para que se mantenha uma boa saúde mental por modificar o estilo de vida em vários aspectos, se comparadas essas realidades antes e depois da pandemia.

Viver o luto exclusivamente na pandemia não é suficiente para que a criança tenha problemas na infância ou vida adulta em virtude dela, sendo assim, não se pode estabelecer rótulos, cada criança irá se expressar mediante essa situação de modo individual. Entretanto, é necessário levar em consideração o contexto em que a criança está inserida antes, durante, e depois da perda, pois acreditamos que a maneira que o conjunto de

circunstâncias apresentadas nessa situação é conduzida, reflete diretamente na maneira que ela irá enfrentar as adversidades que podem aparecer ao longo da vida.

Lustosa diz que para Wallon é nessa idade dos 3 aos 6 anos de idade que a criança entra em um estágio do desenvolvimento da personalidade, assim, a afetividade é responsável dentre muitas outras coisas, por orientar esse processo de construção da pessoa e aprimoramento de si mesmo diante do mundo externo (LUSTOSA; et al, 2009).

Nem toda criança que perde alguém de ligação significativa se torna um adulto debilitado, mas é necessário saber administrar os conflitos que ela enfrenta. Acompanhando de maneira cuidadosa essa criança que pode estar em um estado de vulnerabilidade, podendo vir a comprometer o seu desenvolvimento, buscando meios para amenizar essas dificuldades causadas após a morte de um ente querido.

Sobre isso, Fujisaka menciona Bromberg, que descreve algumas variáveis do luto que podem vir a ser possíveis complicadores como: as características do enlutado, entre elas idade (crianças), personalidade, e suas experiências anteriores com o luto, o relacionamento que o enlutado possuía com o morto, o tipo de morte e a eventualidade da perda, fatores sociais que incluem dificuldades financeiras, e acolhimento familiar ou da comunidade. (FUJISAKA, 2009).

Atribuir significados a diferentes situações ou representações cotidianas faz parte dos estágios de desenvolvimento da criança. Na medida em que adquire função simbólica:

(...) a criança vai deixando de reagir apenas a situações imediatas, passando a reagir a imagens, lembranças e representações, embora seu pensamento ainda se apresente sincrético e tenha um caráter global, confuso e contraditório. (LUSTOSA; et al, 2009, p. 232).

A pandemia de Covid – 19 por ser uma ocorrência que ainda sofre variações referentes ao contágio, número de mortes, e redirecionamento dos hábitos sociais como um todo, não se sabe ao certo a dimensão dos impactos nos quais as crianças foram e serão afetadas futuramente em consequência dela.

Com base na exposição feita anteriormente, acreditamos que os efeitos negativos que ela ocasionou serão restabelecidos somente em um longo prazo. Isso exige da escola e dos demais profissionais uma análise prévia das turmas de Educação Infantil, acompanhada de uma reunião de pais e responsáveis, na intenção de preparar toda a comunidade escolar para o retorno às atividades, além de permitir à escola conhecer a realidade das crianças que estão adentrando atualmente nesse espaço, podendo esta,

planejar as atividades a serem executadas ao receber as crianças. Almejando atender dentro das possibilidades, as demandas apresentadas pelos responsáveis já que, esse fato influencia diretamente na jornada escolar da criança.

4 ANÁLISE DOS DADOS

“Porque o passado me traz uma lembrança
Do tempo que eu era criança
E o medo era motivo de choro
Desculpa pra um abraço ou um consolo.”

(Ney Matogrosso, 1999.)

A música anteriormente citada faz menção às marcantes recordações da infância, sobretudo, relata os momentos de insegurança, onde crianças através do choro anseiam conforto nos momentos de tristeza. Desta forma, entende-se que as adversidades fazem parte da vida, nas quais as pessoas necessitam de acolhimento para suas angústias, para assim dar seguimento a vida.

4.1 A pesquisa empírica

Nesta seção será apresentada a pesquisa de campo realizada em uma instituição de Educação Infantil pública do município de Picos-Pi. Será relatado sequencialmente, conforme pré-estabelecido no roteiro de observação, a descrição dos espaços da instituição de Educação infantil; a avaliação crítica do ambiente de Educação Infantil, composto por crianças de aproximadamente 04 anos de idade, por fim as respostas das entrevistas com uma docente e uma coordenadora da instituição de EI.

Visando a realização da pesquisa e a facilidade de locomoção para a respectiva escola, foi estabelecido contato direto com algumas instituições de Educação Infantil, buscando saber quais escolas tinham em suas respectivas turmas crianças da Educação Infantil que vivenciaram o luto na escola. Entretanto, as coordenadoras de Educação juntamente com as professoras adiantaram que não tinham acesso a essas informações, o que impossibilitaria dar prosseguimento a pesquisa. Tal atitude chamou atenção, pois as professoras em seus planejamentos para um retorno presencial não se atentaram para essas situações, já que não conheciam a realidade das crianças e de suas famílias.

Posteriormente, foi contactada a Secretaria de Educação de Picos, buscando possíveis indicações de escolas que pudessem ser acompanhadas, que tenham tido contato com crianças enlutadas inseridas em suas turmas, e dentre as opções

sugeridas, foi optada a que melhor facilitasse a visita à escola e a aproximação com o campus da UFPI.

Após a indicação da escola, a visita foi agendada na mesma semana. Durante a visita, a recepção foi bastante acolhedora pela direção da escola e coordenação de Educação Infantil, que já aguardavam a minha presença. Logo de início encontrei uma turma de infantil IV com algumas crianças enlutadas, e que sofreram perdas de ligação significativa. As crianças da turma selecionada para a pesquisa, possuíam 04 anos de idade.

Tinha a intenção de acompanhar por um período de três semanas (15 dias letivos) a turma com as crianças enlutadas, e também em um período relativamente significativo, que pudesse abrir um espaço para memórias afetivas que remetessem ao luto, fazendo referência a união familiar e de pessoas próximas, ou a ausência delas. Por isso as observações deram início dias antes da semana santa, período de preparação para a Páscoa, data representativa para muitas famílias.

Dado que algumas comemorações abrem espaço para o surgimento de diálogos sobre experiências vividas, deduzi intuitivamente que os profissionais realizariam atividades referentes à temática que estava inserida nas culminâncias realizadas no espaço escolar, já que:

Michel e Freitas (2019) refutam a ideia de se caracterizar o luto através de um tempo cronológico e pontuam o processo do luto como uma experiência sempre inacabada, como se fossem ondas, em que a dor do luto tende a ser revivida, embora com menor intensidade e frequência, nas datas comemorativas e nas lembranças de momentos significativos com a pessoa amada. (MICHEL; FREITAS, 2019 apud OLIVEIRA; et al.,2020).

Entende-se que as memórias afetivas fazem parte da vida, podendo fazer alusão ao luto, que como dito anteriormente, não dispõe de um tempo pré-definido, e pode ser revivido em intensidades distintas variando conforme os casos.

O período de observação da escola aconteceu durante o mês de abril e maio de 2022 das 07h00min às 11h30min de segunda a sexta, e participaram das observações 01 professora atuante na turma visitada do Infantil IV e uma coordenadora da Educação Infantil. Foram contemplados também a organização dos espaços, as rotinas das crianças e a relação entre os profissionais de educação. De forma mais específica, como esse relacionamento entre eles contribuiu positivamente ou não, no desenvolvimento integral infantil.

Vale ressaltar a relevância dos estudos sobre espaço e ambiente, já que ambos fazem parte da rotina escolar, contribuindo assim para o avanço das crianças. A análise do espaço físico especificamente é uma fonte de análise também das emoções, é através das interações estabelecidas na escola que são estimulados aspectos emocionais das crianças no que se refere a convivência com outras pessoas, em lugares para além do convívio familiar.

Para Soglio (2019) “[...] é nas interações que a criança observa, experimenta, questiona, assim também cria hipóteses sobre diferentes situações que a provoquem” (SOGLIO; 2019, p.24). O contato com diferentes pessoas, culturas, ou ambientes, ajuda a criança a se introduzir em um espaço antes desconhecido. Através dessa nova comunicação ela descobre novas possibilidades, adquire novos conhecimentos, enquanto se conhece enquanto indivíduo autônomo.

Rabelo (2017) fundamentada em outros autores caracteriza os diferentes significados entre espaço, ambiente, lugar e território, de acordo com os dados da tabela a seguir:

Tabela 2 - Significado de espaço, ambiente, lugar e território

ESPAÇO	AMBIENTE	LUGAR	TERRITÓRIO
Objetos, móveis, materiais didáticos, decoração e estrutura física.	Conjunto de relações entre crianças e entre crianças-adultos no uso do espaço.	Espaço ocupado. Adquire significado individual de acordo com o uso.	Espaço institucionalizado/legalizado.

Fonte: Elaborado por RABELO (2017).

As definições dos diferentes conceitos geográficos servem para apontar que as interações humanas com a sociedade não têm o mesmo sentido, colaborando para evitar a generalização de significados, bem como contribuir para a compreensão das atuações sociais sob outras perspectivas.

4.2 Os espaços da instituição escolar

Conforme dados colhidos no Projeto Político Pedagógico da escola, a escola observada é antiga, foi municipalizada em março de 2012 e autorizada a funcionar na

modalidade regular em turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Funcionaram na mesma estrutura outras duas outras instituições de ensino.

Contudo, o modelo de educação Infantil atual já vigorava há dois anos em período remoto, segundo as professoras da instituição. Após o período de readaptação para o retorno das atividades presenciais também na mesma instituição, foram acrescentadas turmas do Ensino Fundamental I e II, de 1º a 9º ano em outro bloco no mesmo horário como meio de reaproveitamento do espaço, atuante apenas há dois meses.

A Escola possui amplos espaços físicos: com pátio grande, corredores largos, banheiros adaptados para crianças, mas não dispõe de rampas, corrimão, ou objetos instalados em uma posição que permitisse o deslocamento e a inclusão de pessoas com deficiências.

A instituição, situada em uma comunidade periférica, atende crianças com renda socioeconômica baixa em sua maioria, e sobreleva-se no bairro em questão, atendendo crianças, do maternal II ao infantil V, totalizando 7 salas, conforme apresento na Tabela 3.

Tabela 3 - Quantidade de espaços existentes na Educação Infantil

EDUCAÇÃO INFANTIL
2 Turmas de maternal II (apenas 1 ativa)
2 Turmas de maternal III (apenas 1 ativa)
2 Turmas de pré-escola I (ambas ativas)
1 Turma de pré-escola II (ativa)
1 Sala integrada 2 em 1 - atuante como depósito e como turma do 2º A (ativa)
2 Banheiros externos
1 Bebedouro
1 Sala extra (inativa)
2 Depósitos
1 Coordenação de Ensino Infantil
1 Secretaria
1 Lavatório externo
1 Sala reservada para os produtos de limpeza
1 Pátio central
1 Parque de brinquedos

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A tabela apresentada mostra que a instituição escolar comporta vastos espaços, porém, conta com uma má distribuição desses locais, como é o caso da turma do 2º ano A do Ensino Fundamental que compartilha uma sala adaptada com um dos depósitos para móveis. Este apresenta impurezas porque não tem uma limpeza regular como nos demais compartimentos, em discordância com os parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006).

É essencial a escola apresente condições favoráveis à aprendizagem em sua estrutura e organização. A instituição deve se dispor de possibilidades para que os docentes desenvolvam atividades para além da sala, em espaços adequados, respeitando a faixa etária das crianças.

No que se refere aos profissionais da educação, apenas 2 (duas) eram concursadas, ou seja, do quadro efetivo. As demais foram selecionadas para o cargo através de contratos temporários, sendo que entre elas existia uma minoria com formação em pedagogia, em discordância com os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (BRASIL; 2018), quando determina que os profissionais que trabalham com crianças na Educação Infantil precisam estar formados com capacitação de acordo com o nível de cada etapa. De modo igual, é previsto que eles busquem uma formação continuada, o que pode também acontecer em encontros elaborados pela instituição. Na tabela 4 segue a lista de funcionários da escola pesquisada.

Tabela 4 - Quantidade de profissionais da escola

EQUIPE PEDAGÓGICA	DEMAIS FUNCIONÁRIOS
1 Diretor - atuante na Educação Infantil e Ensino Fundamental	3 monitores de bloco
1 Coordenadora de Educação Infantil	3 manipuladoras de alimentos
1 secretária	1 nutricionista
6 professoras	1 porteiro
2 auxiliares	3 motoristas
	3 monitores de ônibus
	2 auxiliares de limpeza

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Os profissionais dessa escola possuem funções definidas, os funcionários interagem uns com os outros interferindo na organização da rotina escolar por meio das suas respectivas atividades. Alguns funcionários dessa escola, por não terem a formação exigida por lei, não estão preparados para trabalhar na Educação Infantil, podendo comprometer a aprendizagem das crianças, deixando evidente a pertinência de pessoas capacitadas.

A pesquisa teve início na escola no dia 06 de abril de 2022. As observações iniciaram já no ônibus escolar enquanto percorria o trajeto até a escola. Ao entrar na escola fui a procura da coordenadora que estava no pátio recepcionando as crianças e as famílias. Após me identificar como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, fui orientada por essa coordenadora a conhecer as turmas sozinha. Como meio de identificar as crianças que possuíam entes falecidos, já que ela não tinha como garantir com exatidão a existência desses dados nas salas, que segundo ela, apenas as professoras poderiam dar essa certeza. Evidenciando que os profissionais não se prepararam para a retomada presencial pensando nas necessidades emocionais dessas crianças.

A primeira turma que optei por conhecer foi o Infantil IV. Em contato com a professora regente, ela de imediato garantiu a existência de pelo menos 01 criança que perdeu uma pessoa da família recentemente.

As salas de atividades da Escola são pequenas, com pouca iluminação, porém bem ventiladas, ainda que as janelas apresentem perigo para as crianças por serem baixas. Esse espaço é organizado por cantinhos, porém com uma quantidade insuficiente de material para todas as crianças.

Na sala do Infantil IV, havia 4 (quatro) mesas com 4 lugares cada e (16) cadeiras para as crianças, 01 (uma) mesa da professora, 02 (dois) armários da professora, 01 (um) quadro branco e 01 (um) ventilador de parede.

A professora regente utiliza os armários para guardar as atividades e recursos pedagógicos que ela mesma produz em casa, visto que a escola não oferece com livre demanda os materiais que serão utilizados nas atividades propostas. Quanto ao restante do espaço, é reservado para armazenar as bolsas das crianças, conforme apresento nas figuras a seguir.

Figura 2 - Armário disponível na sala de atividades



Fonte das imagens: A autora.

Foi possível perceber que na sala não possuía brinquedos, as crianças brincavam apenas no horário do recreio, com os brinquedos do grupo de crianças do maternal II, que eles mesmos levavam para a escola. A escola possui um espaço denominado de brinquedoteca, onde existem diversos jogos lúdicos, bambolês, lousa mágica, tabuleiros, e jogos adaptados para crianças autistas, conforme apresento nas imagens a seguir:

Figura 3 - Brinquedos e materiais disponíveis na brinquedoteca



Fonte: Elaborado pela autora.

No entanto, quando questionada quanto a utilização desse espaço ou dos recursos em sala, a professora afirmou que os profissionais não podem utilizá-los em suas atividades, e que as crianças podem utilizar apenas no espaço da brinquedoteca para brincar e manusear esses recursos. Também foi observado que as crianças não eram estimuladas a brincar experimentando novas possibilidades de interação ou criatividade, as brincadeiras livres em sala se concentravam em ocupar as crianças para que a professora concluísse os demais afazeres.

O espaço de sala é dividido por cantinhos, mas existem poucas produções das crianças expostas. Porém esta sala se comparada com as demais turmas, é a que mais possui produções artísticas exibidas, deixando o ambiente desprovido de cor, e não incentivando a criatividade infantil.

O cantinho da Matemática é composto com um painel, com os números de 0 a 10 feitos de EVA e recortados em círculos, onde juntos formam uma centopeia, nele não contém registros de material didático. Ele se localiza ao lado da sequência numérica, vogais, e do alfabeto.

O cantinho para as atividades desenvolvidas se dispõe apenas de um espaço designado para ele, mas sem nenhuma produção exposta durante os meses em que a escola iniciou as atividades. Saliento que somente nos últimos dias de observação a professora colou neste espaço pinturas das crianças com tinta guache.

Figura 4 - Cantinho das atividades produzidas e cantinho da matemática



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O espaço para os aniversariantes do mês constantemente é preenchido com o nome das crianças que fazem aniversário no respectivo mês. Alguns desses espaços

as crianças não conseguem manusear ou tocar, visto que não estão fixados em uma altura ideal para o tamanho delas, como é o caso do alfabeto.

Figura 5 - Alfabeto



Fonte da imagem: A autora

Dentro de todas as turmas de Educação Infantil existem banheiros internos acoplados às salas. Eles são grandes com 02 (dois) vasos sanitários inadequados para o tamanho das crianças, 02 (duas) pias pequenas com altura baixa, 01 (uma) pia alta utilizada como lavatório de crianças bem pequenas e como pia para as professoras, e 01 (um) chuveiro para as demais crianças tomarem banho.

Foi constatado que o banheiro interno atrapalhava bastante o momento de atividades já que a professora mantinha a porta sempre aberta, conforme mostrado anteriormente na figura 05. Dispersando as crianças que tiravam proveito do espaço para brincadeiras coletivas, que comprometia a preservação do patrimônio público e segurança delas. Elas frequentemente quebravam os vasos sanitários, e um dos monitores era solicitado quase todos os dias para solucionar o problema.

Figura 6 - Banheiro interno e acoplado à sala do Infantil IV



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O refeitório é um espaço grande, ventilado por janelas grandes e com altura baixa. E dividido em duas partes: A primeira é ocupada pelas crianças durante as refeições. Nela são feitas fileiras com mesas grandes e cadeiras individuais da altura das crianças.

A segunda é o espaço reservado para a cozinha, que atende os níveis da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Nele existem 01 (um) fogão industrial grande, 05 (cinco) pias com balcão, 07 (sete) torneiras ao total, 01 (um) armário grande 01 (um) armário pequeno, onde são guardados os utensílios de cozinha, 01 (uma) geladeira com 02 (duas) portas, 01 (um) conservador de alimentos com 04 (quatro) depósitos, 01 (uma) mesa média, 02 (duas) lâmpadas grandes na cozinha, e 05 (cinco) na área de servir as crianças, totalizando 07 lâmpadas.

As auxiliares de cozinha que são monitoradas pela nutricionista, colocam a comida nos recipientes e deixam nos balcões, as crianças são servidas pelas professoras de suas respectivas turmas.

Durante os dias de observação houve um princípio de incêndio durante a noite anterior, por consequência das instalações elétricas antigas na escola não terem passado por um reparo durante a “reforma” para o retorno presencial. Então, pela manhã para evitar que as crianças se machucassem com a fiação exposta, as funcionárias apoiaram uma madeira prensada, e uma mesa na frente da parede, resquício de móveis quebrados e acomodados nos depósitos da escola.

O parque de brinquedos fica localizado na área externa do bloco, mas estende-se no entorno da escola e para dentro dos portões. Ele situa-se em uma área grande com areia e grama alta, e é cercado por uma rede de arame.

Os objetos do parque são enferrujados, velhos, e alguns estão quebrados. Nele tem 01(um) escorregador, 01(um) trepa-trepa e 02 (duas) gangorras, uma quebrada. Esse espaço é ocupado pelas crianças em momentos de recreação e lazer proporcionados pela professora que observa as crianças enquanto brincam.

Em alguns momentos o acesso ao parque era condicionado ao bom desempenho das crianças na sala de atividades pela professora, e os horários frequentados pelas crianças em sua maioria eram depois das 09h00min da manhã, em uma temperatura bastante quente, comprometendo a saúde das crianças.

Sobre os recursos audiovisuais e de impressão, a professora acompanhada disse que não costumava utilizar tanto as ferramentas da escola, porque não exibiam uma imagem de qualidade, por isso preferia levar de casa seus próprios materiais, que eram solicitados também pelas demais colegas de trabalho que dificilmente levavam algum recurso ou atividade para suas turmas. Conforme notas do diário de campo:

Ao fim do meu primeiro dia na escola, senti muita tristeza ao me deparar com uma realidade tão precária quanto aquela. Tive muita pena das crianças que conviviam naquele espaço de baixa qualidade educativa, principalmente pelas crianças autistas que recebiam um cuidado não condizente com suas necessidades, ao tempo que senti também empatia por algumas professoras e raiva por outras naquele mesmo espaço. (Diário de Campo, 06 de abril de 2022).

No que se refere as instalações físicas, grande parte da estrutura escolar estava danificada como no caso da sala de atividade que, em um dia bastante chuvoso foi alagada, e a professora que não conseguia conter a turma permitiu de maneira indireta que as crianças brincassem nas poças de água.

Conforme as observações, a instituição pesquisada apresenta alguns riscos para as crianças, o que limita a autonomia, o conhecimento dos espaços e a socialização delas. Em muitos momentos, foi notória a autoridade de alguns profissionais de educação sobre as crianças, que buscavam condicioná-las à situações de controle.

4.3 Os ambientes da escola

Ao se referir sobre os ambientes da escola, destacamos os vínculos afetivos que se formam nesse espaço, se conectando diretamente ao cotidiano das crianças. Nele são apontadas as relações entre os profissionais da educação e os demais funcionários da escola, de modo especial, a relação desses adultos com as crianças, e das crianças entre si.

As atividades educacionais seguem um planejamento mensal proposto para a Educação Infantil e seguindo as orientações da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, divididas em: i) Campos de experiência; ii) Direitos da aprendizagem iii) Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, além dos procedimentos, recursos e atividades avaliativas: i) Metodologia/ desenvolvimento; ii) Expectativas de aprendizagem, ambas a serem preenchidas pelo professor.

A rotina para a Educação Infantil também possui um cronograma de segunda a sexta, com horários das 07:00h às 11:00h da manhã. Os tempos são alternados durante a semana em:

Tabela 5 - Rotina das crianças da turma do infantil IV

HORÁRIOS	DIAS DA SEMANA	ATIVIDADES
7h00min – 11h00min	Segunda-feira	Acolhida; Roda de conversa; Interação e brincadeira com objetivo previamente estabelecido e atividade de registro; Higienização das mãos; Lanche e intervalo assistido; Atividade de relaxamento; Contação de história e compreensão oral de texto; Estimulação psicomotora ampla; Encerramento.
7h00min – 11h00min	Terça-feira	Acolhida; Roda de conversa; Interação e brincadeira com objetivo previamente estabelecido e atividade de registro; Higienização das mãos; Lanche e intervalo assistido; Atividade de relaxamento; Estimulação psicomotora fina; Hora da arte; Encerramento.
7h00min – 11h00min	Quarta-feira	Acolhida; Roda de conversa; Interação e brincadeira com objetivo previamente estabelecido e atividade de registro; Higienização das mãos; Lanche e intervalo assistido; Atividade de relaxamento; Vivência sobre a história da semana; Estimulação psicomotora ampla; Encerramento.
7h00min – 11h00min	Quinta-feira	Acolhida; Roda de conversa; Interação e brincadeira com objetivo previamente estabelecido e atividade de registro; Higienização das mãos; Lanche e intervalo assistido; Atividade de relaxamento; Estimulação psicomotora fina; Brincar livre assistido;

		Encerramento.
7h00min – 11h00min	Sexta-feira	Acolhida; Roda de conversa; Interação e brincadeira com objetivo previamente estabelecido e atividade de registro; Higienização das mãos; Lanche e intervalo assistido; Atividade de relaxamento; Hora do reconto; Cineminha ou cantinhos; Encerramento.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A professora regente procurava seguir cada item pré-definido no cronograma, porém, dificilmente era possível realizar todas as atividades planejadas, visto que na turma havia uma grande quantidade de crianças, (17) dezessete matriculadas, apenas (12) doze ativas, e a professora mostrava dificuldades em atender as demandas de todas, de maneira satisfatória.

No meu primeiro dia na escola, ao chegar à porta da sala fui questionada se seria uma estagiária para auxiliá-la. Mesmo explicando detalhadamente o meu objetivo ao visitar a escola, em alguns momentos sinto que saí do meu papel de pesquisadora observadora e passei a ser “auxiliar” da professora que constantemente me questionava sobre sua atuação em sala. Insistindo em esclarecer que ela não era pedagoga, bem como era a sua primeira experiência com crianças da Educação Infantil.

A formação inicial opera como alicerce durante a docência, no sentido de “contribuir para que o professor possa construir cotidianamente a sua concepção acerca do objetivo da profissão, ou seja, construir a sua identidade profissional” (SILVA; FARIAS, 2014, p.37). Todavia, nesse caso é perceptível que a professora não tinha domínio acerca do papel do professor da Educação infantil, de oferecer condições para que as crianças se desenvolvam.

4.4 As crianças que perderam pessoas próximas

Além dos espaços, dos ambientes e da rotina escolar, esta pesquisa teve a pretensão de acompanhar pelo menos 01 (uma) criança enlutada, conforme citado

anteriormente, para observar a rotina e as interações da respectiva criança na escola e suas contribuições para o desenvolvimento desta em equivalência à vivência do luto.

No primeiro dia na turma, dia 06 de abril de 2022, em uma quarta-feira, a professora informou que a criança do sexo masculino identificada aqui como *Levi* estava passando pelo processo de luto recentemente, ocorrido durante o período pandemia, mas naquele dia infelizmente ele não tinha ido à escola.

Mesmo assim, pedi para entrar na sala e me sentei em uma das cadeiras próximo a porta, que dava uma visão ampla do espaço e de todas as crianças. Por esse motivo, foi demonstrado interesse pela segunda criança do sexo feminino identificada como *Letícia*, que demonstrava carência parental. Como exemplo, a professora afirmou que durante uma roda de conversa sobre a temática família, ela disse que o pai virou uma “estrela”, metáfora usada para se referir ao falecimento de alguém.

O referido pai se encontrava ausente e nunca manteve contato com a criança desde o seu nascimento, sendo ela criada pela mãe e sua rede familiar materna. A mesma docente afirmou que após o ocorrido e depois das outras crianças desmentirem o comentário da *Letícia*, ela procurou manter contato com a mãe da criança, que garantiu que a família nunca mencionou ou se referiu ao pai ausente em nenhuma circunstância até então.

No dia seguinte com a ida do *Levi* à escola, a professora comentou que a sua perda se dava por homicídio, ocorrido recentemente durante a pandemia. Também foi relatado que o *Levi* tinha outros dois irmãos mais novos, ambos filhos dos mesmos pais, no qual o caçula até aquele momento era bebê de colo, segundo informações coletadas na escola. Vale ressaltar que escola está inserida em um bairro popularmente conhecido como um dos mais violentos de Picos – Piauí.

Nesse dia uma das crianças estava aniversariando. A professora acolheu a turma, deixou o nome da criança exposta no cantinho de parabéns e pediu que todos cantassem a música de feliz aniversário. Em seguida, organizou todos para uma fotografia em conjunto. A *Letícia* inicialmente se mostrou resistente em aparecer na foto, mas aceitou após a professora convencê-la, enquanto o *Levi* se recusou mesmo com insistência da docente.

No mesmo dia, a professora aplicou com as crianças uma atividade lúdica chamada “caixa mágica”, para que elas pudessem identificar e reconhecer a vogal A. Essa atividade se mostrou positiva, em especial para as duas crianças observadas.

Nesse dia, o Levi se mostrou isolado, não participativo, disperso, e inquieto em sala, o menino em alguns momentos preferiu se trancar no banheiro para ficar sozinho. Ele tinha dificuldades em atividades orais e escritas, entre elas, atividades para cobrir os tracejados. No que diz respeito as brincadeiras livres e recreio, ele gostava de brincar de atirar, utilizando a bolsa como parte da brincadeira e pronunciando frases como: *“Está preparado para matar?”*.

A Letícia se mostrava bastante afetiva com todos e executava as atividades propostas em sala de maneira satisfatória. No entanto, apesar de afetiva ela apresentava traços de agressividade repentina com os colegas. Ela gostava de ser o centro das atenções, e que quando não estava em evidência, se isolava ou agredia quem ela percebia que estava tendo maior destaque. Exemplo disso, era quando se posicionava em grande maioria, em posição destaque nas brincadeiras, delegando funções, excluindo, ou agredindo as colegas que se opunham a ela.

Enquanto voltava minha atenção para as interações entre as crianças, me chamou atenção o diálogo entre um grupo de crianças sobre a temática de luto, destaco que esse assunto não foi induzido pela professora, e surgiu de maneira involuntária.

Maria Flor: - *“Sabia que quando eu crescer a minha mãe já vai ter morrido? - Porque quando a gente cresce, os pais da gente morrem.”*

As demais crianças reagiram a esse comentário demonstrando surpresa, ao responder que os pais não tinham falado isso para elas. Nesse diálogo é perceptível que as crianças entendem o conceito de morte, mas que poucas são educadas em casa ou na escola para assimilar essa ideia como parte da vida.

Sobre a educação das crianças na escola, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL; 2010) tem como proposta pedagógica, garantir que as instituições se responsabilizem por compartilhar com as famílias a educação e cuidado para com as crianças, através do diálogo, escuta, respeito, de modo a reconhecer sua estrutura, fortalecendo para que a relação estabelecida entre família escola seja pertinente para a aprendizagem infantil.

Maeda (2017) em seus escritos questiona a pedagogia escolar sobre a necessidade de uma “Educação sobre a Morte”, se referindo ao tipo de conhecimentos que devem ser destinados às crianças e profissionais na escola, ela também defende

esses saberes como necessários para uma educação integral, como mencionado adiante.

A partir desses estudos, podemos inferir que na escola que tem como base a educação integral que engloba os aspectos cognitivos, emocionais e sociais há espaço para o luto, pois ele não está dissociado da vida escolar, já que faz parte do desenvolvimento humano e a morte é para a vida (MAEDA; 2017, p.41).

A relação entre as professoras também chamou atenção, pois elas reclamavam constantemente da sobrecarga de trabalho e da divisão desigual feita entre as turmas de mesmo nível, como é o exemplo do infantil IV, que em uma turma estavam inseridas 17 crianças, e na outra apenas 06. Elas também pareciam não ter uma boa relação entre si, e discordavam sobre a metodologia de alguns colegas.

Ao fim do dia, a coordenadora pediu à professora regente que preenchesse a ficha das crianças, solicitei esses documentos. Foi possível observar que neles é feita uma sondagem sobre o desenvolvimento das crianças na ampliação do vocabulário, coordenação motora, autonomia, concentração, consciência fonológica, compreensão oral de textos, e outras especificações que focam em reconhecimento, contagem e escrita.

Tais documentos sugerem que se pretendia identificar em sua maioria, conhecimentos formais acumulados no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Posto que, questões sobre os sentimentos, interações e comportamentos das crianças não foram abordadas com o mesmo rigor, já que dos 49 questionamentos feitos no total, apenas 10 eram sobre as afinidades, ou vivências das crianças na escola para além dos conteúdos programáticos.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC, ao mencionar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil, cita que:

As aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos, quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diferentes campos de experiências, sempre tomando as **interações e brincadeira** como eixos estruturantes. (BRASIL, 2018, p.44, grifo da autora).

Segundo (Plaza e Santos, s.d) na Educação infantil, a avaliação percorre todas as etapas da educação. Nela em especial, o professor se dispõe de instrumentos naturais e espontâneos para avaliar, podendo ser incluídos aspectos do cotidiano das

crianças, a partir de brincadeiras propostas, atividades produzidas pelas crianças, diálogos, e outras sugestões.

Na sequência, chamou atenção as observações escritas feitas pela professora regente sobre as crianças ao final de cada ficha. Ela registrou que o Levi se mostrava pouco interativo em sala, participando ativamente apenas no parque. Já na ficha da Letícia, os escritos da professora ressaltaram a agressividade da criança, que foi orientada pela escola em concordância com a mãe, a interagir com cautela, resultando em uma considerável diminuição da agressividade com os colegas.

Atentando para as manifestações comportamentais das crianças, sendo elas conscientes ou instintivas, variando conforme as situações. Lustosa diz que Freud ao analisar diferentes ações evidenciou a existência de diversos mecanismos de defesa que são ativadas em determinados acontecimentos com o intuito de evitar angústias, alguns são: Repressão, negação, racionalização, projeção, regressão, sublimação, deslocamento, formação reativa, ou identificação. (LUSTOSA; et al, 2009).

Para Granja, Costa e Rebelo (2012) o luto pode afetar a criança em diversos níveis na escola, entre eles: dificuldades de concentração, baixo rendimento escolar, desinteresse, relações sociais comprometidas, que podem vir acompanhadas por sentimentos de raiva, tristeza ou culpa.

Nos dias seguintes, a Letícia provocava constantes desavenças com os colegas, e por mais que eu evitasse não me envolver, as próprias crianças me pediam consolo quando a professora não conseguia dar assistência a todos ao mesmo tempo, principalmente durante os conflitos.

A Letícia não lidava bem com rejeição ou com situações em que ela não era a protagonista, preferindo ficar sozinha. Foi relatado pela professora que ela apresentava um pico de estresse elevado e instantâneo, mas que gostava de ser incluída nas atividades, entre elas, as que não a envolviam, e que a mãe quando informada, confirmou ter conhecimento sobre a agressividade da criança. Além disso, a menina também criava situações em benefício próprio.

Destaco uma das manhãs em que durante a volta do lanche, as crianças subiram na escada que dava acesso a turmas de Ensino Fundamental para brincar, e ela por não estar como “líder” na brincadeira dedurou as demais para a professora, deixando as amigas de castigo e sem recreio.

Já o Levi se mostrava em grande parte do tempo tímido, desconfiado e desconfortável. Ele faltava bastante, e sua ida à escola era condicionada a algo que

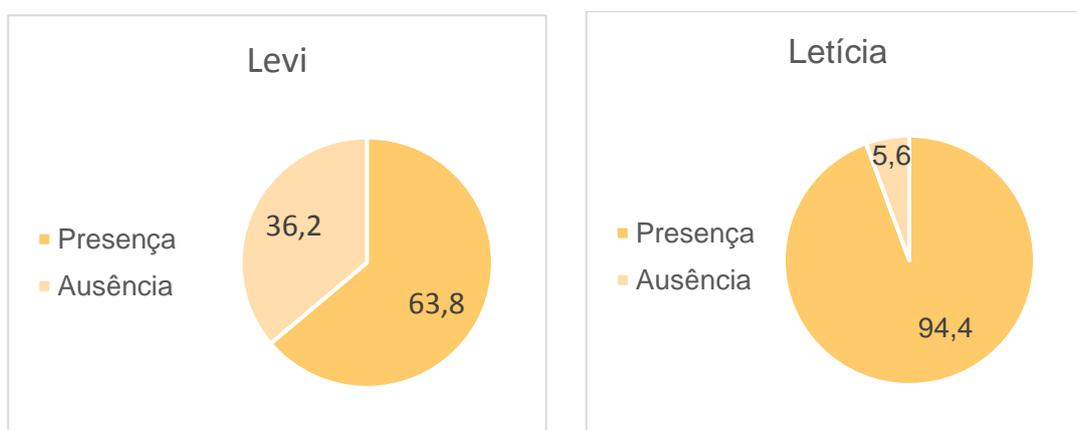
ele almejava receber pela mãe ou avó, conforme expõe a mãe no dia que ele chegou atrasado enquanto apanhava dela com um cipó. Nesse dia em específico, eu e a professora ficamos assustadas e sem saber o que fazer naquela situação.

Quando a professora reclamava com ele ou com a turma de modo geral, ele ficava bastante sensível e assustado, principalmente quando desobedecia ou era conduzido para a coordenação pela professora, que o tocava levemente no ombro. O menino não recebia esses pequenos toques de maneira positiva de nenhum dos profissionais, a menos que a ação partisse dele mesmo.

Ele possuía uma relação agradável e afetiva com a professora do Infantil V, que de maneira informal, relatou que o convívio deles só melhorou após ela comentar que havia sido professora do pai da criança nessa mesma idade, e que esperava ansiosamente por ele na sua turma no ano seguinte. Comentar sobre o pai falecido deixou a criança muito feliz, de tal modo que quando era produzido algo em sala, pedia para a docente da turma deixá-lo sair para mostrar à professora do infantil V. As crianças dessa sala tinham ciúmes da professora e não aprovavam a afetividade dos dois, já que quando a professora estava distraída, elas o encurralavam e batiam nele.

No que diz respeito a frequência dessas crianças, era bem variante. A Letícia dificilmente faltava, apenas em casos de doença e com justificativa. Porém o Levi resistia em comparecer à escola, tendo um índice de presença questionavelmente baixo, conforme mostra os gráficos abaixo.

Gráfico 1 - Frequência das crianças objeto de estudo na escola¹



Fonte: A autora (2022).

¹ Frequência do dia 03 de maio ao dia 26 de abril, e 09 de maio, período de observação na escola. Registro de notas bimestrais coletados no diário da docente.

No entanto, quando frequentam a escola, ambas recebiam as atividades propostas para casa. No caso da Letícia, elas eram feitas e retornadas para a escola. Enquanto o Levi não retornava as atividades feitas.

Ana: Por que você não fez a atividade de casa?

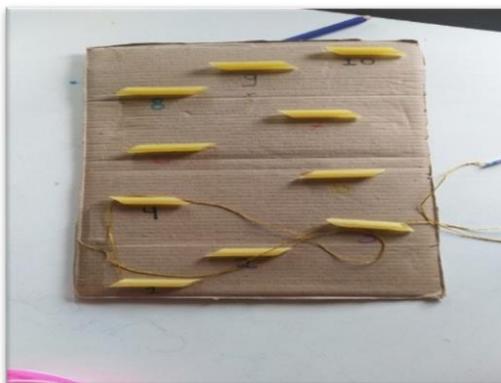
Levi: A minha mãe não quis fazer.

O que mostra que Letícia tinha um acompanhamento familiar em casa no que se refere às atividades escolares. Diferente do Levi, que retornava as atividades incompletas ou sem fazer, ocupando um horário extra da professora, que reservava um tempo para acompanhar a criança no espaço de sala.

As atividades realizadas em sala, em sua maioria, eram escritas, e as produções artísticas feitas mediante a poucos recursos. Por isso, a maioria se restringia a pintura e desenho livre, com materiais comprados pela própria professora, dado que a escola oferecia poucos materiais.

Quando questionada sobre a utilização de recursos como tesouras, cola, massinha, giz de cera, papel colorido e outros materiais, a professora disse que os docentes não podiam pedir material para as crianças levarem de casa, e que a escola por atender uma comunidade carente, orientava os professores a conseguir os materiais por conta própria, ou optar por atividades mais simples, mas nunca pedir aos pais ou responsáveis.

Figura 7 - Jogo confeccionado pela professora para ensinar sequência numérica



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por causa dessa limitação a professora tinha poucas opções de atividades, bem como dificuldade em concluir as práticas que eram propostas. As crianças se dispersavam rápido, ficando evidente também que ela fazia poucos jogos e brincadeiras com as crianças, entre elas estavam: imitações, cabra-cega, adivinhação, e brincadeiras de roda.

Quando eram feitas atividades de leitura, as crianças se sentavam no chão ou nas cadeiras em um semicírculo, exceto o Levi, que preferia ficar em um canto da sala ouvindo a história, ou brincando livremente. Os livros lidos estavam disponíveis na biblioteca da escola ou eram comprados pela professora.

Figura 8 - Livros lidos pela professora em sala



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após a leitura era feita uma socialização com a turma como meio de promover o diálogo, ampliação de vocabulário, e a habilidade de interpretação de texto por parte das crianças. O livro Leo e a baleia do autor Davies Benji foram uma das obras literárias lidas, foi escolhido por ser um dos livros disponíveis na biblioteca. Ele aborda assuntos como amizade, perda, ausência e relação familiar. Ao final da leitura, foram feitos alguns questionamentos por parte da professora:

Ana: Quem gostou da história?

Todos: Eu

Ana: Leticia, o que você mais gostou?

Leticia: Gostei da parte que ele foi ver a baleia de novo.

Esse foi o único momento em que foi percebido o planejamento da professora para trazer materiais que não envolvessem os conteúdos programáticos para além das habilidades de leitura, mas que também instigasse a opinião das crianças a respeito de algo proposto em sala.

Já no refeitório, foi possível comparar a alimentação servida para turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Por vezes, as professoras relataram existir uma diferença nutritiva dos alimentos de ambos os indivíduos, sendo que para elas, as turmas de Ensino Fundamental se beneficiavam com refeições melhores. Essa situação em específico de diferença alimentar, deixava as professoras bastante indignadas com a situação das crianças, para elas isso era crueldade. Em algumas ocasiões, as refeições alternavam entre cuscuz com leite, arroz com frango, frutas e sopa.

Nos dias que sucederam, a professora notificou as crianças sobre a festa de Páscoa que aconteceria no dia 12 de abril de 2022. Festividade cristã que viola a constituição Federal quando determina o Estado laico, permitindo que as pessoas tenham liberdade sobre suas crenças ou manifestações religiosas (BRASIL, 1998).

Durante o planejamento escolar ficou definido entre as professoras e a coordenação, que cada docente faria sua festa individualmente em suas respectivas turmas, em razão de que seria mais fácil controlar e monitorar as crianças.

Ansiosas pela festa na escola, as crianças chegaram cedo, animadas e bem vestidas. Nesse dia, elas estavam muito atenciosas aos acontecimentos na escola, principalmente porque esperavam ganhar os ovos de páscoa que a docente da turma avisou no dia anterior que teria. A rotina nesse dia teve maior foco em atividades temáticas sobre a Páscoa, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 6 - Cronograma da festa de Páscoa

- Acolhida;
- Atividade escrita no livro;
- Brincadeiras de roda, imitação e dança;
- Confeção de lembrancinhas pelas crianças;
- Festa com doces e bolo;
- Pintura no rosto;

- Encerramento

Fonte: A autora

Nos dias seguintes foi percebido que existia uma evasão escolar significativa na escola. Nesse período a coordenação estava solicitando que fossem entregues a frequência das crianças, para que os órgãos públicos avaliassem a permanência ou não do benefício social bolsa família, das famílias cujos filhos frequentavam a escola. Esse era um dos requisitos para que estas continuassem a receber o benefício. Muitas famílias daquela comunidade dependiam desse recurso financeiro, pois nos dias seguintes muitas crianças retornaram à escola, uma delas na turma do infantil IV.

Após completar as semanas de observação, foi realizada a entrevista com a professora Ana e com a coordenadora da Educação Infantil, referida aqui como Fátima.

O retorno à escola aconteceu na segunda-feira dia 09 de maio de 2022, após o dia das mães, data que também foi escolhida intencionalmente para observar as crianças após esse fim de semana. Nesse retorno seriam produzidas atividades na culminância que explorariam os aspectos emocionais das crianças, como resultado, as professoras e demais profissionais precisariam lidar com tal situação, elaborando práticas que considerassem os diferentes tipos de estrutura familiar que faziam parte do universo das crianças.

Ao cruzar os portões da escola, fui bem recebida com um abraço por uma das crianças, que gritou pelo pátio inteiro que eu havia retornado. Indo de encontro com a turma do Infantil IV, me atentei para as produções feitas pelas crianças na semana anterior, porque estavam expostas na parede do lado de fora da sala, acompanhadas de outros adereços feitos pela professora.

Figura 9 - Produção artística do Dia das Mães



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quando cheguei, os monitores avisaram que a coordenadora ainda não havia chegado, então fiquei na sala de atividades e aproveitei para observar as interações entre as crianças. A professora após promover uma breve recepção acolhedora, externalizou ter sentido a minha falta, seguida da curiosidade em saber sobre o meu retorno, ou se eu tinha a intenção de ficar mais tempo. Depois de explicar as circunstâncias que me fizeram voltar, ela demonstrou tristeza em saber que seria uma breve visita.

Na escola havia muitos responsáveis perguntando sobre a festa em homenagem as mães, organizada pela escola. As profissionais de educação notificavam que se tratava de um jantar naquele mesmo dia, às 19 horas, ressaltando frequentemente que a festa era para as mães, logo, elas não deveriam levar as crianças.

Logo após, a professora Ana perguntou se eu estava sabendo sobre a visita que o ministro da educação faria a escola, respondi que tinha ouvido falar. Atenta a isso observei que estavam sendo feitos pequenos ajustes na escola, como aparar a grama, organizar as salas, lavar a escola, e cabia aos professores confeccionar junto às crianças, produções para serem expostas nas salas, para que não ficassem tão vazias.

Diante da certeza dessa visita, fiquei bastante chateada com as estratégias elaboradas pelas profissionais para esconder os problemas enfrentados pela escola, se tratando de estrutura e organização escolar. “Não entendo por que estão tentando mostrar uma realidade que não existe. Não seria melhor apresentar a escola da maneira que ela é podendo garantir mais recursos para a instituição?” (Diário de campo, 09 de maio de 2022).

Quanto às crianças que perderam entes queridos, a família do Levi notificou que ele estava doente, por isso, apenas a Letícia estava presente nesse dia. A professora

iniciou as atividades pedindo que as crianças desenhassem sobre como foi o dia das mães, e em seguida, realizou uma atividade sobre sequência numérica para que as crianças identificassem o antes e o depois dos números.

Figura 10 - Desenho da Letícia referente ao dia das Mães



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao decorrer do dia também foram feitas atividades de leitura e escrita com intervalos para descanso e brincadeiras. Com o passar dos dias entre o período de observação e a aplicação das entrevistas, as crianças apresentaram um desenvolvimento significativo nas suas habilidades de escrita e ampliação do vocabulário, o que me deixou muito feliz.

4.5 Análise das respostas das profissionais de educação sobre o luto

As entrevistas com as profissionais de Educação Infantil ocorreram ao final das observações na escola, após a saída das crianças para o horário do recreio. Chamei cada uma individualmente, as entrevistas ocorreram na sala da do infantil IV com a professora Ana, já com a coordenadora Fátima foi na coordenação.

A primeira pergunta foi sobre quais as dificuldades encontradas na educação infantil durante o período pandêmico. A professora Ana respondeu resumidamente: “*A dificuldade maior é a colaboração dos pais que não tem.*”

Quando entrevistei a coordenadora Fátima, ela solicitou ver a entrevista com antecedência, após a minha recusa em mostrar para não interferir nos dados da pesquisa, ela respondeu:

Não, não só na educação Infantil, mas em todas as áreas a pandemia ela afetou muito, claro, que na educação infantil foi mais difícil porque as crianças elas não sabem é... Como lidar com as mídias sociais, e aí isso dificulta imensamente. Sem contar que também aqui é a maioria das crianças são aqui do bairro. Nós temos um bairro de periferia, uma condição social das famílias baixa, e inclusive hoje eu tive até um caso aqui que, tem uma criança que ele vem pra escola, mas ele não quer ficar na sala.

Havia muito barulho do momento do intervalo, por isso, precisei interromper a entrevista pedindo para fechar a porta da coordenação, para que a gravação tivesse qualidade sonora favorável para a pesquisa. Adiante ela continuou:

[...] A mãe me disse hoje que ele só conhecia a professora porque via nas redes sociais, nas mídias. Mas, assim, como é que uma criança que nunca foi à escola vai ter acesso, vai ter desenvolvimento através das redes sociais? Os maiores problemas que eu vejo são esses aí...

Através das falas das professoras podemos perceber que todos os sujeitos da escola foram afetados pela pandemia. Na turma investigada, as crianças não se adaptaram ao ensino remoto com a utilização das mídias digitais que, citados anteriormente, comprometeu negativamente o contato entre criança, professora e escola. Igualmente, é apresentado pelas crianças grande resistência em se adequar às atividades presenciais, pois não tiveram a interação social, e as brincadeiras não foram exploradas no período de isolamento, definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil - DCNEI (2010) como norteadores das práticas docentes. (BRASIL, 2010).

Posteriormente perguntei “- A escola e seus profissionais buscaram conhecer previamente a realidade das crianças ingressantes na Educação Infantil, após a pandemia, através dos pais ou responsáveis? Se sim, como foi feito?” A professora Ana respondeu: “- *Não, porque a maioria já era daqui né, então já tinha um conhecimento de todos os alunos da escola.*”. E a Fátima também confirmou:

Não, aqui nós temos os professores que são do quadro efetivo que já eram professores da escola, e aí eles permanecem, por exemplo, quem tava na educação infantil antes da pandemia retornou agora aulas presenciais e continuou, permaneceu os mesmos professores. E outros estavam em outras escolas por questão de acessibilidade vieram para essa escola, mas assim, não somos nós, não é a escola que faz essa seleção.

Mesmo a professora Ana constando que conhecia a realidade das famílias e das crianças, no início da pesquisa pudemos afirmar que essas informações não chegaram até a coordenação ou nos órgãos superiores, como no caso da Secretaria de Educação da cidade de Picos, que quando notificados sobre a realização da

referida pesquisa sobre o luto na escola, não puderam afirmar a existência de crianças que tiveram perdas recentes. Logo, confirma-se que, na prática a escola não buscou conhecer a realidade das crianças matriculadas na educação infantil, para elaborar ações que atendessem as demandas deixadas pela pandemia no retorno presencial, pois acreditavam que por conhecerem a realidade do bairro, ou não havendo mudanças no quadro de profissionais, não haveria essa necessidade, como ressaltado na fala da Fátima anteriormente.

Ao perguntar sobre as percepções delas a respeito do desenvolvimento integral da criança no espaço escolar frente a fase de luto da criança, principalmente na pandemia, a professora Ana indagou:

Assim, na questão das crianças é presente porque, é uma questão presente e difícil no sentido da educação, porque como eles não sabem lidar e a maioria das famílias não tem é... uma base, não tem, um apoio, não tem uma orientação profissional eles ficam meio que a mercê, e aí quando eles chegam na sala de aula, isso impacta muito no sentido da aprendizagem.

Já a coordenadora Fátima relatou:

Assim, aqui por exemplo da educação infantil, eu não tenho conhecimento de crianças que perderam alguém. Porém, nós temos a dificuldade das crianças que, por conta de não ter interação com outras crianças, no retorno agora está sendo muito difícil, ainda estamos encontrando dificuldades para socialização desses alunos, e acredito que um desses motivos fundamentais, é realmente a pandemia.

Mediante os apontamentos das professoras, foram enfatizados obstáculos como, a carência de profissionais de apoio que pudessem acompanhar as crianças na escola, bem como orientar os professores. Também foram reforçadas as experiências limitadas, prioritariamente na socialização, tendo a pandemia como possível adversidade para as problemáticas destacadas pelas professoras, prejudicando o desenvolvimento das crianças na escola.

Resgatando as orientações feitas pela Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB anteriormente, certificamos que a Educação Infantil deve estar comprometida com o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus diferentes aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em uma ação conjunta firmada com a família e sociedade.

Ana e Fátima reconhecem que a pandemia e as perdas afetaram o desenvolvimento, bem como aprendizagem escolar das crianças, no entanto, a

coordenadora Fátima não sabe identificar com exatidão os casos afetados. Essa falta de apoio da família e escola faz com que as crianças fiquem sem o devido acolhimento, como afirma a professora Ana inicialmente.

Após pesquisar sobre a trajetória de sucesso escolar da instituição municipal visitada para a pesquisa, ou seja, indicadores de fluxo escolar que tem como base o censo escolar, verificou-se que a última atualização foi feita no ano de 2020. Nela constou-se que havia 89 estudantes em distorção idade-série, ou seja, que apresentou regresso escolar. Os dados de rendimento escolar são com base no Censo Escolar de 2020. (UNICEF, 2020).

Não foi possível coletar dados quantitativos que mensurassem o mesmo impacto causado nesse período nas turmas de Educação Infantil, mas presume-se que se assemelha às informações ditas anteriormente. Vale enfatizar, que esses dados aparecem como “retrato de um momento de exceção, e não devem ser comparados com os índices de anos anteriores; não se trata de indicadores idênticos ou que medem o mesmo fenômeno.” (UNICEF; 2021, p.2).

Ao buscar saber sobre as crianças que perderam pessoas na pandemia, mesmo as profissionais Ana e Fátima admitindo a necessidade de uma educação que fale sobre os aspectos afetivos que a morte traz para as crianças e para a escola, as duas não possuem formação suficiente que as permitam praticar tal ação, admitindo não estarem preparadas para lidar com aspectos do luto na escola. Comprovando as afirmações de Maeda (2019), Oliveira (s.d), Cruz; Martins; Cruz (2021), e outros autores que defendem que as práticas escolares ainda são meramente cognitivistas, e carecem falar sobre o luto infantil na educação.

Em seguida, foi perguntado se as crianças enlutadas apresentaram dificuldades na adaptação e desenvolvimento das atividades escolares no retorno presencial, e quais eram esses comprometimentos. Ana logo respondeu que: “- *Muito, Muito. Na questão de fazer amizade, na questão de compartilhar, na questão de se socializar como um todo aqui na sala de aula*”. E a Fátima confirmou: “- *Sim, sim, muita dificuldade, por conta de estarem afastados por praticamente dois anos. Nós temos crianças que já eram para estar no primeiro ano, mas está tendo o primeiro contato agora, e aí a dificuldade da adaptação.*”

Como já foi dito, as crianças dessa escola não costumavam socializar, a não adaptação à escola faz com que haja um retrocesso no nível de aprendizagem, já que

elas não conseguem avançar para as turmas seguintes. Isso se confirma também nos casos de luto ocorridos na pandemia, segundo a fala das docentes.

As mídias digitais se mostraram como recurso de comunicação diária durante o afastamento entre as pessoas, um dos métodos adotados como prevenção do aumento descontrolado do vírus da Covid-19, mas que acabou por limitar a interatividade. Carvalho e Matos mencionam que para Wallon, uma formação humana com diferentes qualidades é fruto de condições biológicas associadas ao meio em que se está inserido, integrando as relações em grupo (Carvalho, Matos, 2021). Relacionado a isso, podemos pressupor com as falas de Ana e Fátima que, as restrições da pandemia trouxeram consequências reais em como são estabelecidos os relacionamentos atuais entre as crianças especificamente.

Procurei saber se com o retorno das atividades presenciais, a escola e as professoras se planejaram visando atender as demandas das crianças que estão vivenciando a fase do luto, e elas entraram em discordância.

A professora Ana disse que: *“- Não, particularmente não, porque não teve nenhum projeto, não teve nada assim repassado pra gente voltado a essa questão entendeu?”*, enquanto a coordenadora apresentou resposta contrária: *“Sim, porque esses professores, a maioria eles já vinham nas aulas remotas, e com o retorno todos se prepararam para enfrentar todos esses problemas causados por conta da pandemia.”*

As docentes entraram em contradição, e conforme afirmado não foi desenvolvido nenhum projeto sobre essa temática. Nesse ponto, não há como garantir ações que gerem sucesso imediato, pois a pandemia ainda não está totalmente controlada. Assim, não existe um parâmetro sobre as suas reais problemáticas ou como solucioná-las, acima de tudo na educação.

Mesmo esses impactos sendo uma preocupação da escola, os planejamentos para o retorno presencial não tiveram como foco trabalhar o acolhimento, ou a morte de entes queridos como parte da vida. Posto isto, comprovamos que foi ignorado a parte do trabalho pedagógico, na qual se compromete com o desenvolvimento integral da criança, os obstáculos que afetam o emocional delas, como defende Ramos (2016) ao afirmar a vulnerabilidade dos indivíduos frente a fase do luto.

Também foi interesse da pesquisa saber se a escola promoveu ações acolhedoras às crianças enlutadas para o retorno das atividades escolares, e quais

eram esses trabalhos, a professora Ana foi breve: “- Não teve”. Quanto a coordenadora Fátima, entra em contraponto:

É como eu falei anteriormente, nós não temos conhecimento assim, mas a escola se preocupa. Por exemplo, quando encontra algum aluno que está com o emocional abalado, a gente busca meios de trazer ele à realidade e ajuda de certa forma.

A preocupação por parte da escola é permanente nas falas da professora Ana, como também da coordenadora Fátima. Na educação, mesmo havendo uma hierarquia entre os órgãos públicos, é evidente nos documentos oficiais para a Educação Infantil que estes não se dissociam, primordialmente quando é exigido boas condições para que aconteça uma melhoria do ângulo educacional, como mostra os Parâmetros Nacionais de qualidade da Educação Infantil (BRASIL, 2018). No entanto, há um despreparo da Secretaria de Educação da cidade de Picos - PI para com a escola observada, decorrendo de um não envolvimento para promover práticas que respondam aos interesses da escola.

Posteriormente, foi questionado se para as docentes era relevante uma formação dos professores para lidar com a questão do luto infantil no ambiente escolar, e quais conteúdos considerariam importantes para serem trabalhados nessa capacitação. A resposta da professora foi: “- Com certeza, pelo menos uma capacitação né, pra gente saber como lidar com essas crianças.”

Sobre os conteúdos, foi necessário repetir a pergunta de maneira explicativa. Adiante ela confessou:

[...] É... essa pergunta é difícil, porque eu nunca trabalhei com esse negócio aí. Mulher, eu acho que o principal seria trabalhar a questão da família e o pós morte, como é a vivência depois que essa criança não vai ter... É como é que vai ser a formação da família, a continuação, depois dessa criança perder um parente.

A coordenadora: “- Sim, sim, muito importante. Primeiro, eu acho que deve ser trabalhada a autoestima, um dos principais é a autoestima para poder equilibrar o emocional dessas crianças.”

Em um cenário de pandemia, é importante que os professores e profissionais da Educação Infantil tenham uma formação adequada. Não somente colocar em foco as concepções pedagógicas contidas no currículo, mas buscar individualmente, ou

que seja fornecido pela instituição, uma formação complementar como é exigido pelos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (BRASIL, 2018).

Indaguei sobre a motivação de ambas para o retorno das atividades escolares presenciais. Ana relatou: “- Ah, eu sinto porque eu já tava assim, já tava querendo esse contato, esse corpo a corpo.”, Fátima também:

Sim, até mesmo porque nós educadores sofremos muito essa questão. Porque a gente vinha num ritmo acelerado, e de repente nós tivemos... cortou, cessou de vez. Então, para nós foi difícil, imagine para as crianças, e o retorno, muito bom. Particularmente, tenho buscado dar o melhor de mim com o retorno.

Em tese, as profissionais Ana e Fátima consideram a necessidade de uma capacitação que repasse informações no que diz respeito aos aspectos emocionais, e de autoestima, em conjunto com as famílias afetadas pelo luto. Pois mesmo acreditando estarem motivadas para o exercício do trabalho pedagógico, sofrem com as sequelas que o vírus SARS-COV-2 deixou, sobretudo, frente as mudanças de hábitos sociais.

Carvalho e Matos enfatizam ideia de Henri Wallon, quando alegam existir constantes conflitos no desenvolvimento da criança, que desconfiguram as relações harmoniosas dela com o meio já fortalecidas, classificados como endógenos ou exógenos (Carvalho, Matos, 2021). De maneira semelhante, a pandemia alterou a configuração social vigente até então, deixando o dia a dia conturbado, onde a escola não sabe como cuidar dessas crianças no que corresponde aos conflitos e desorganizações produtos da pandemia, o qual certamente não faz parte do ciclo de desenvolvimento natural da criança.

Pedi que narrassem as dificuldades da escola em lidar com a temática de luto infantil, Ana declarou:

É porque aqui a gente não tem um profissional especializado. Entendeu? Por exemplo, para eu poder conhecer meu aluno, pegar ele e levar pra uma pessoa que tenha mais conhecimento que eu. Eu falo assim porque eu já estudei lá no IFPI, e lá a gente tinha um profissional capacitado, que quando a gente tinha alguma dificuldade emocional ou psicológica, a gente tinha uma pessoa que podia orientar melhor do que o professor, que muitas vezes não tem contato, e não tem nenhuma capacitação com esse assunto... Sobre esse assunto.

Fátima bem mais otimista afirmou:

É como eu falei, trabalhar o emocional é importante. E como é que se trabalha o emocional? Com profissionais capacitados. Nós estamos buscando junto a

outras secretarias, sobretudo secretaria de saúde, parcerias para que venha um profissional, como psicólogo, para dentro da escola.

Por fim, encerrei as entrevistas perguntando qual a maneira adequada de se trabalhar aspectos do luto infantil na escola para elas. Após um silêncio considerável, a professora Ana apontou:

Essa pergunta é difícil. Mulher, eu vou falar da minha realidade né. Eu tento deixar eles mais a vontade, tento mostrar pra ele que tanto a realidade dele quanto a realidade dos outros, é... É normal né, que vai acontecer, e pode já ter acontecido, e também é... Como é a pergunta mesmo? [...]

Repeti a pergunta de maneira explicativa, e ela prosseguiu: “*E mostrando os diversos tipos de família que tem.*”. Após os meus agradecimentos pela sua colaboração ela comentou: “*Mulher tua pesquisa é difícil demais.*”.

Por fim, a coordenadora Fátima também encerrou dizendo:

Eu particularmente, vou repetir. Nós precisamos primeiro motivar os nossos professores, através da motivação dos professores, que eles são quem detectam todos esses problemas dentro da sala. A partir do momento que o professor detecta, aí sim. Aí nós vamos buscar profissionais psicopedagogos, psicólogos, e até terapeutas ocupacionais para poder se trabalhar.

Por fim, Ana e Fátima se mostram sem uma formação adequada quanto a atuação docente para o acolhimento de crianças enlutadas. Por isso, julgam de grande valor, que ações sejam exercidas na escola, mas exigem que elas aconteçam mediante a um acompanhamento especializado por psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras e outros profissionais de saúde. Para elas, os professores enfrentam novos desafios com a rotina presencial, e ao que tudo indica precisam ser orientados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...]Oh que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes figueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais! [...]

(Meus oito anos - Casimiro de Abreu)

Na passagem anterior, Casimiro de Abreu exalta a simplicidade, liberdade e pureza da criança em seu modo de viver a vida. O presente trabalho buscou falar sobre as primeiras experiências da criança na escola, que se constitui entre muitas vertentes, refletir sobre o espaço educacional como lugar de acolhimento, sendo parte do trabalho pedagógico estabelecer meios para que se formem ligações afetivas sólidas entre escola, criança e família, para que sejam assistidos em suas exigências educativas.

Nesse contexto, mesmo com o aumento das mortes ocasionadas pela pandemia da Covid-19, e a busca pela “volta à normalidade” no momento de readaptação para o retorno presencial, após alguns meses de distanciamento social, não foi prioridade do espaço educacional observado, o acolhimento para a difícil tarefa de lidar com crianças que tiveram perdas de alguém nesse período, e o luto infantil também se apresentou como um tema pouco explorado até então, essencialmente na Educação Infantil.

Confirmamos que a pandemia de Covid-19, trouxe desafios que os espaços educacionais ainda não sabem como enfrentar para reverter os níveis de retrocesso no desenvolvimento, e recuperar a aprendizagem perdida por parte de muitas crianças do Ensino Fundamental. Paralelamente, a saúde emocional das crianças e dos profissionais da escola foram severamente afetadas, sobretudo pelas perdas, ainda que muitas não se configurem exclusivamente como mortes por covid-19. Mesmo assim, carregam exigências que a as instituições educacionais para crianças não conseguiram se direcionar por meio de práticas efetivas, que promova uma educação com um padrão de qualidade satisfatório defendido pelos documentos que orientam a Educação Infantil: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL;

1996), Referencial Curricular para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL; 1998), Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL; 2018), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL; 2010), e outros preceitos.

A partir dos dados aqui apresentados, esse estudo objetivou compreender as práticas educacionais de acolhimento emocional desenvolvidas na Educação Infantil com crianças vivenciaram o luto na infância. O presente trabalho buscou ouvir parte das profissionais que atuam na escola, legitimando o discernimento que estas possuem ao assumir tal função, de que precisam realizar um trabalho centrado na educação e cuidado com as crianças.

Para isso, foi realizado uma revisão de literatura sobre a temática luto de crianças na Educação Infantil. Em síntese, requer sensibilidade para explorar um assunto tão frágil com a devida empatia, que se confirma como um transcurso difícil de vivenciar por causa do sofrimento que proporciona em muitos casos.

No que se refere a identificação das possíveis dificuldades da instituição de Educação Infantil pesquisada no suporte e acolhimento à criança enlutada, são muitos os impasses que permeiam sobre a ação da escola. Como a devida formação docente para atuar em turmas da Educação Infantil, assegurando que as crianças sejam entendidas nos seus anseios durante os diferentes estágios de desenvolvimento. Rabelo (2017) defende que “a formação do professor para a construção do conhecimento infantil precisa contemplar a afetividade, a sensibilização docente, para que as crianças sejam acolhidas de forma positiva e possam desenvolver suas capacidades.” (RABELO, 2017, p.186).

Igualmente, se sobressaiu a ausência de práticas pedagógicas que pudessem cuidar da dimensão emocional das crianças enlutadas. Logo, não foi possível identificar ações promotoras que objetivassem o acolhimento e empatia às crianças em decorrência da perda. Trazendo apenas as consequências do luto no ambiente escolar, entre elas, as dificuldades de socialização por parte das crianças, comprometendo a evolução delas na experiência escolar.

Ao analisar os espaços e ambientes no retorno às atividades presenciais, constatou-se uma precariedade na estrutura e organização da escola, após um longo período de atividades suspensas. Acreditamos que se faz pertinente essa discussão à medida em que o recinto escolar e as relações que nele se constroem, são fundamentais para que as crianças tenham avanço contínuo. Assim sendo, os dados coletados revelam o descuido no preparo da instituição para receber crianças,

professores, e demais profissionais após o distanciamento físico entre eles, Limitando as experiências positivas previstas para a Educação infantil, sem a preocupação com uma retomada segura das atividades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**: Conhecimento do mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília, 2018. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 6 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil** (DCNEI). Brasília, 2010. 40 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em 22 jun, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Orientações para a retomada segura das atividades presenciais nas escolas de educação básica no contexto da pandemia de covid19**. Brasília, 2022.

BRASIL. **Nota de esclarecimento**. Brasília, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2021-pdf/232651-nota-de-esclarecimento-covid-19-2022/file>

BRASIL, MEC. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para instituições de Educação Infantil**/ Encarte 1. Brasília. MEC/SEB, 2018.

BRASIL, MEC. **Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil**. Brasília. MEC/SEB/2018.

CARVALHO, Eliane Cristina de; CARVALHO, Lana Veras de. Infância, perda e educação: diálogos possíveis. **Psicologia em pesquisa**, [s.l.], vol.13, n.3, p. 1-20, setembro-dezembro, 2019.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Psicologia da educação**: Teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão. 3º edição. Fortaleza: Editora Universidade Estadual do Ceará EdUECE, 2021. p.277.

CRUZ, ROSIMEIRE COSTA DE ANDRADE; CRUZ, SILVIA HELENA VIEIRA; CRISTIANE AMORIM MARTINS. A Educação Infantil e Demandas Postas pela Pandemia: Intersetorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 147-174, jan, 2021.

FONTES, Wendney Hudson de Alencar; ASSIS, Pamela Carla Pereira de; SANTOS, Emanuelle Pereira dos; MARANHÃO, Thércia Lucena Grangeiro; LIMA JÚNIOR,

Joel; GADELHA, Maria do Socorro Vieira. Perdas, Mortes e Luto Durante a Pandemia de Covid-19: Uma Revisão da Literatura. *Id on Line Rev.Mult. Psic.*, Julho/2020, vol.14, n.51, p. 303-317. ISSN: 1981-1179.

FUJISAKA, Ana Paula. **Vivencia de luto em adultos que perderam a mãe na infância**. 2009 (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15122009-093804/pt-br.php>. Acesso em 04 mar 2022.

GRANJA, Ana; COSTA, Nilza; REBELO, José Eduardo. O luto em contexto escolar: Vivências na primeira pessoa. **Praxis educacional**, Vitória da Conquista, v.8, n.13, p.57-82, jul/dez 2012.

LUSTOSA, Ana Valéria Marques Fortes, *et al.* **Psicologia da educação: Teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão**. 2º edição. Fortaleza: Editora Universidade Federal do Ceará UFC, 2009. p.246.

MAEDA, Tatiane Sayuri, **Cemitério é lugar de criança?** A visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas. 2017. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p.139. 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20674/2/Tatiane%20Sayuri%20Maeda.pdf>. Acesso em 24 jun, 2022.

MARQUES, Marlene. Luto ou Depressão? *Psicologia.pt o portal dos psicólogos*, 2015. Disponível em:< https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0850>. Acesso em: 13 dez 2021.

MICHEL, Caroline Luana, *et al.* Luto Infantil no Contexto de Pandemia: Uma Intervenção Psicoeducativa para Profissionais da Educação. *Boletim Entre SIS*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 112-121, dez. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/boletimsis/article/view/21969>. Acesso em 31 out 2022.

OLIVEIRA; Amanda Rebeca Borges de; *et al.* **Reflexões sobre a morte, o luto e as intervenções possíveis**. (Cidade?), v.1,n.1, p.1-16, jan./jun.2020.

OLIVEIRA, Gabriela de *et al.* **Como ajudar alguém em luto?** Curitiba: Laboratório de Psicopatologia Fundamental, UFPR, 2020. Disponível em: <https://plataformaintegrada.mec.gov.br/recurso?id=357318&name=Como%20ajudar%20algu%C3%A9m%20em%20luto%27>. Acesso em 21 dez 2021.

OLIVEIRA, Suelen Dayanne Limberger de; RODRIGUES, Fábio da Silva. **Luto infantil: como a escola lida com essa situação?** [s.l], p. 1-22, s.d.

ORSOLINI, Alba Valéria Penteado; OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta. Estudo de caso como método de investigação qualitativa: uma abordagem bibliográfica. [s.l], p. 1-18, s.d. Disponível em:

https://pos.unifacef.com.br/_livros/Cultura_Desenv/Artigos/Alba_Sheila.pdf. Acesso em 13 out 2022.

PLAZA, Fernanda Rodrigues; SANTOS, Uillians Eduardo. Avaliação da aprendizagem na educação infantil: recurso para a prática pedagógica, 2015. p. 1-12. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/avaliacao-da-aprendizagem.pdf> Acesso em: 23 set 2022.

RABELO, Jeriane da Silva. **A Organização do espaço na educação infantil e o desenvolvimento integral da criança**: sentimentos e ações em turmas de pré-escola. 2017. Tese (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza – CE, p.204. 2017.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. Psicologia.pt **o portal dos psicólogos**, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>

SARTORI, Antônia Aparecida Kroll. **Luto na escola**: Uma realidade a ser enfrentada. Tese (Mestrado em Psicologia da educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p.93. 2018.

SENHORAS, Elói Martins. Impactos da pandemia da Covid-19 na educação. Educação como (re)Existência: Mudanças, conscientização e conhecimentos, Maceió-Al, outubro de 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_S A21_ID2775_01102020143743.pdf. Acesso em 31 out 2022.

SILVA, Edna Maria Amâncio; Farias, Marcia Lopes Silva de. **O papel do professor da Educação Infantil de crianças de 0 a 3 anos de idade na perspectiva do educar e cuidar**. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4311/1/EMAS28042015.pdf>. Acesso em 23 out 2022.

SILVEIRA, Jessica et al. O luto nas diferentes etapas do desenvolvimento humano. [s.n]. s.d.

SOARES, Glenda Leane Corteze. **A literatura e o cinema como recurso na elaboração do luto infantil**. 2021. (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes – RO, 2021. Disponível em: <https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2931/1/GLENDA%20LEANE%20CORTEZE%20SOARES.pdf> Acesso em: 11 fev 2022.

SOGLIO, Maiqueli Dal. **Pedagogia de projetos e pedagogia das infâncias**: Percepções de sensíveis encontros. 2019. (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Erechim, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3663/1/SOGLIO.pdf>

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [s.l], vol. 20, n. 43, p.64-83, 2021.

UNICEF. **Trajetórias de sucesso escolar**, 2020. Disponível em: <https://trajetoriaescolar.org.br/#22>. Acesso em: 05 ago 2022.

UNICEF; **Nota sobre os dados de rendimento escolar com base no Censo Escolar 2020**. Disponível em: https://trajetoriaescolar.org.br/wp-content/uploads/2021/11/nota_sobre_o_ano_de_2020_e_o_rendimento-escolar-v2.pdf. Acesso em 05 ago 2022.

ZUCATO, Fernanda *et al.* **A rotina em tempos de pandemia**. Campinas, 2020. Disponível em: https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2021/02/Cartilha_Educacao-Rotina.pdf. Acesso em 09 fev 2022.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Prezados professores,

Sou aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e estou realizando um estudo monográfico denominado “**a vivência do luto e o desenvolvimento integral da criança no espaço escolar**”. Este estudo tem como objetivo compreender de que maneira acontece o desenvolvimento integral da criança através do desafio emocional de lidar com as perdas. Esta pesquisa ajudará a conhecer a realidade das instituições de Ensino Infantil, sobretudo durante a pandemia de covid-19, além de identificar as possíveis dificuldades encontradas pela instituição em acolher crianças enlutadas nesse nível de ensino, bem como reunir informações sobre as ações promotoras de acolhimento e empatia às crianças em decorrência da perda e suas consequências no ambiente escolar. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário. Assim solicitamos a permissão para a gravação do áudio de suas entrevistas. Os dados coletados poderão ser utilizados em publicações e eventos científicos. Sua identidade será protegida pelo anonimato. A sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras, nem será submetido a situações de risco. Participando da pesquisa, você contribuirá para uma reflexão mais aprofundada em relação à temática. Você receberá uma cópia desse termo, em que constam os contatos da pesquisadora e da orientadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora: Brenna Lígia da Rocha Moura

E-mail: brennaligya3@gmail.com

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Jeriane da Silva Rabelo

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente, Brenna Lígia da Rocha Moura

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Orientadora: Profa. Dra. Jeriane da Silva Rabelo

Discente: Brenna Lígia da Rocha Moura

SEXO: () F () M **IDADE:** __ ANOS **TURMA DO INFANTIL:** ()

ÁREA DE FORMAÇÃO: _____

NÍVEL MÁXIMO DE FORMAÇÃO: () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Pós-Doutorado

ANOS DE MAGISTÉRIO: _____

- 1) Quais as dificuldades encontradas na educação infantil durante o período pandêmico?
- 2) A escola e profissionais de educação buscaram conhecer previamente a realidade das crianças ingressantes na Educação Infantil através dos pais ou responsáveis? Se sim, como foi feito?
- 3) Quais as suas percepções a respeito do desenvolvimento integral da criança no espaço escolar frente a fase de luto, principalmente na pandemia?
- 4) A criança enlutada apresentou dificuldades na adaptação e desenvolvimento das atividades escolares? Quais?
- 5) Com o retorno das atividades presenciais, a escola e as professoras se planejaram visando atender as demandas das crianças que estão vivenciando a fase do luto?
- 6) A escola promoveu ações acolhedoras às crianças enlutadas para o retorno das atividades escolares? Quais?
- 7) Você acha relevante uma formação dos professores para lidar com a questão do luto infantil no ambiente escolar? Quais conteúdos você consideraria importantes para serem trabalhados nessa capacitação?
- 8) Você se sente motivada para o retorno das atividades escolares presenciais? De que forma?
- 9) Para você quais as dificuldades da escola em lidar com a temática de luto infantil?
- 10) Para você qual a maneira adequada de se trabalhar aspectos do luto infantil na escola?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Brena Fúcio da Rocha Moreira,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

práticas de acolhimento pedagógico e emocional desenvolvidas na Educação Infantil com crianças em processo de luto.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 29 de dezembro de 2022

Brena Fúcio da Rocha Moreira
Assinatura

Brena Fúcio da Rocha Moreira
Assinatura